

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA PAULA RIBEIRO

**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS  
RURAIS, PORTO ALEGRE – RS: UMA ANÁLISE DO SÍTIO CAPOROROCA E  
ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA**

CURITIBA

2016

ANA PAULA RIBEIRO



**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS  
RURAIS, PORTO ALEGRE – RS: UMA ANÁLISE DO SÍTIO CAPOROROCA E  
ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-graduação em Economia e Meio Ambiente da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Especialista em Economia e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mestre Evelin Cunha Biondo

CURITIBA

2016

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ANA PAULA RIBEIRO

### **PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS RURAIS, PORTO ALEGRE – RS: UMA ANÁLISE DO SÍTIO CAPOROCA E ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-graduação em Economia e Meio Ambiente da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Especialista em Economia e Meio Ambiente, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Mestr. Evelin Cunha Biondo  
Orientadora - Colégio de Aplicação, UFRGS

---

Prof. Dr. Rubens Corrêa Secco  
Programa de Pós-Graduação em Economia e  
Meio Ambiente – PECCA, UFPR

---

Prof. Mestre Bruno César Gurski  
Programa de Pós-Graduação em Ciência do  
Solo, UFPR

Curitiba, 03 de dezembro de 2016.

Dedico este trabalho a Deus, que constitui o corpo e a alma; aos sujeitos desta pesquisa; a minha família e amigos, os quais integram, participam e apoiam os meus momentos de descobertas e conquistas.

## **AGRADECIMENTOS**

A percepção de uma nova fase da vida e a superação pessoal representam a conclusão deste trabalho. E, sujeitos importantes partilharam desta trajetória, aos quais agradeço de todo o meu coração.

Agradeço a Deus, por me fortalecer diante das dificuldades, renovar a esperança e por sempre abrir portas onde não enxergo saídas.

A esta banca, por suas significativas contribuições.

A esta Universidade, que viabilizou esta formação através da concessão de bolsa de estudos.

A minha amiga Michele Lindner por sua acolhida, risadas, companhia e disponibilidade sempre que necessário. Por ter sido apoio norteador sempre!

A minha amiga Fernanda Barrios, por sua disponibilidade e parceria.

A minha amiga Mariana Kruse, por todos os momentos, sempre!

Aos meus amigos Dani e Deni, por sempre estarem por perto!

A minha família, minha mãe, por seu apoio incondicional; ao meu pai pelos almoços e atenção dedicados; aos meus irmãos amados que me suportam e aliviam o fardo em qualquer situação; aos meus cunhados amados que estão junto comigo sempre; aos meus sobrinhos muito amados que formam o arco-íris da minha vida. Ao meu cunhado Gui, em especial, pelo empréstimo do Pálio para que pudesse fazer as saídas de campo.

Ao meu amado Israel, que chegou para dar mais colorido a minha vida. Obrigada por ser meu amigo amoroso e fiel companheiro em todos os momentos. E a sua linda e encantadora família, que agora já me sinto parte. Obrigada por suas orações e amigos na fé que já fiz, Beto e Têre.

Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. [...] A doação de si mesmo num compromisso ecológico só é possível a partir do cultivo de virtudes sólidas.

Papa Francisco

## RESUMO

O turismo é uma alternativa sustentável que pode promover uma localidade. Os Caminhos Rurais se configuram como um roteiro turístico, o qual reúne ações coletivas agroecológicas para atrair pessoas, ao mesmo tempo, que contribui para manter a preservação da área. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa aqui apresentada foi analisar o perfil de dois proprietários de estabelecimentos do roteiro turístico Caminhos Rurais, sua relação do consumidor ou visitante com o lugar e com o produto agroecológico, a partir das categorias da racionalidade ambiental de Leff. Para isso, foram escolhidos os seguintes passos metodológicos: revisão bibliográfica; produção de questionário com perguntas semiestruturadas para aquisição dos dados; coleta de dados em trabalhos de campo; análise das entrevistas apurando os dados através da análise de conteúdo com diferentes categorias. Quanto aos resultados, constatou que houve um processo de territorialização do roteiro Caminhos Rurais e, que os níveis da categoria racionalidade ambiental servem de embasamento para explicar as formas de relação estabelecidas no território. No Sítio Capororoca, o intuito é de oferecer ao frequentador a vivência, enquanto que no Armazém Colônia Villanova a imersão na origem dos produtos os quais comercializa. Conclui-se que cada proposta oferece ao público formas diferentes de experienciar-se o lugar, mas ambas demonstram o significado da imersão no rural. A área mostra o surgimento de características semelhantes entre si, o que promoveu ao consumidor ou visitante uma experiência de reconhecimento do lugar e do alimento produzido de forma agroecológica.

Palavras-chave: Agroecológico, Rural, Categoria Racionalidade Ambiental, Caminhos Rurais

## ABSTRACT

The tourism is a sustainable alternative that can promote a place. The "Caminhos Rurais" (Rural Roads) shape itself as a touristic route, that gather together collective agroecological actions to attract people, the same time that contributes to maintain the preservation of the area. In this way, the goal of the research here showed is to analyze the profile of two owners of establishments that are part of the "Caminhos Rurais", the relationship of the customer or visitor with the place and with the agroecological product, onwards the categories of the Environmental Rationality of Leff. For that the following methodological steps were selected: bibliographic review, production of a questionnaire with semi-structured questions for the data acquisition, data collection based on field work, analysis of the interviews ascertaining the data through the analysis of the content with different categories. In terms of the results, was noticed that there were a process of territorialization of the route "Caminhos Rurais" and that the levels of the Environmental Rationality category work as basis to explain the forms of relationship established in the territory. In Caparoroca Ranch, the intention is to offer the visitor a lifetime experience, while in the Amazém Colônia Villanova there is the immersion in the origin of the products that are traded there. The conclusion is that each proposal offers to the public different ways to enjoy and experience the place, but both of them show the meaning of rural immersion. The area shows the appearance of characteristics that are similar, what had promoted to the customer or visitor an experience to acknowledge the place and the food produced in an agroecological way.

Keywords: Agroecological, Rural, Environmental rationality category, Rural Roads



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: MAPA DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE, RS.....	13
FIGURA 2: GEOLOCALIZAÇÃO DAS ENTIDADES ASSOCIADAS NA ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL.....	16
FIGURA 3: ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS RURAIS – ÁREA DE ESTUDO.....	18
FIGURA 4 – “PÉ” DE HIBISCO.....	44
FIGURA 5 – CAPUCHINHA.....	45
FIGURA 6: GRUPO DE UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE GEOGRAFIA EM VISITA TÉCNICA.....	45
FIGURA 7: A PROPRIETÁRIA APRESENTANDO A COMPOSTEIRA.....	46
FIGURA 8: HORTA DA PROPRIEDADE.....	46
FIGURA 9 – AÇUDE DA PROPRIEDADE.....	47
FIGURA 10: VISTA DA MORADIA, DA ÁREA DE CONVIVÊNCIA E DO ALOJAMENTO.....	48
FIGURA 11: ELEMENTOS NO AMBIENTE QUE LEMBRAM UM ANTIGO ARMAZÉM.....	52
FIGURA 12: ELEMENTOS ANTIGOS QUE REMONTAM A HISTÓRIA DO BAIRRO.....	52
FIGURA 13: PRATELEIRA E MESAS COM EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS.....	53
FIGURA 14: ÁREA FRONTAL DA PROPRIEDADE COM CARTAZ ANUNCIANDO O CAFÉ DA MANHÃ.....	54

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - REGISTRO DAS PERGUNTAS REALIZADAS DURANTE AS ENTREVISTAS E OS POSSÍVEIS CRUZAMENTOS.....	36
QUADRO 2 - REGISTRO DAS FALAS MAIS REPRESENTATIVAS DA ENTREVISTA NO SÍTIO CAPOROROCA.....	48
QUADRO 3: REGISTRO DAS FALAS MAIS SIGNIFICATIVAS DA ENTREVISTA NO ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA.....	55

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CAD - Centro Agrícola Demonstrativo  
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural  
EPTC - Empresa Pública de Transporte e Circulação  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
MDS - Ministério de Desenvolvimento Social  
MTUR - Ministério do Turismo  
ONG – Organização não-governamental  
PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre  
PDDUA – Plano de Desenvolvimento Urbano Ambiental  
POA RURAL - Associação Porto Alegre Rural  
SENAR-RS - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural  
SMAM - Secretaria Municipal do Meio Ambiente  
SMIC - Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio  
SMTUR - Secretaria Municipal do Turismo  
SMURB - Secretaria Municipal de Urbanismo  
SMTUR - Secretaria Municipal de Turismo  
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação  
WWOOF – Trabalhando fins de semana em fazendas orgânicas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 “CAMINHOS RURAIS” E A CIDADE RURUBANA</b> .....	16
2.1 O ROTEIRO TURÍSTICO E A CIDADE RURURBANA.....	16
2.2 ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR...	22
<b>3 AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, TURISMO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E RACIONALIDADE AMBIENTAL</b> .....	25
3.1 A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA.....	25
3.2 TURISMO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA.....	27
3.3 - A RACIONALIDADE AMBIENTAL.....	30
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	34
<b>5 RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	38
5.1 COMPARANDO AS PROPRIEDADES ESTUDADAS.....	38
5.2 O SÍTIO CAPOPOROCA.....	43
5.3 O ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA.....	51
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	61
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>APÊNDICE 1 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA</b> .....	66
<b>ANEXO 1 - LEI COMPLEMENTAR 434/99, ATUALIZADA E COMPILADA ATÉ A L.C. 667/11, INCLUINDO A L.C. 646/10</b> .....	67

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas emergem no Brasil movimentos em prol de uma vida mais saudável. No turismo isso não foi diferente, diversas modalidades que visam à contemplação da natureza de forma mais sustentável ganham força e atraem um público cada vez maior. Entre essas modalidades destacamos aqui o turismo rural, atividade turística que permite ao visitante contemplar e/ou vivenciar as práticas de uma propriedade rural.

Entre os diversos benefícios que o turismo rural pode trazer, estão o incremento na renda dos produtores, seja pela cobrança na visitação das propriedades, seja pela comercialização de produtos produzidos pelos produtores envolvidos na atividade de forma direta ou indireta. O turismo rural também representa uma alternativa sustentável que pode promover uma localidade.

Nesse contexto a pesquisa aqui apresentada busca analisar a experiência do roteiro turístico Caminhos Rurais, localizado na zona sul do município de Porto Alegre (Figura 1), o qual reúne ações individuais e coletivas agroecológicas para atrair pessoas, ao mesmo tempo, que contribui para manter a preservação da área. O roteiro turístico Caminhos Rurais foi organizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre a partir de um inventário turístico da região realizado pela Secretaria Municipal do Turismo em propriedades indicadas pela EMATER (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016a). Os proprietários que aderiram ao projeto do roteiro criaram a Associação Porto Alegre Rural e passaram a desenvolver o roteiro no sul e extremo sul do município, numa região de atrativos naturais.

A área onde se localiza o roteiro apresenta considerável preservação ambiental, com remanescentes de espécies endêmicas, bem como cultivo de hortifrutigranjeiros. O roteiro pode ser percorrido através da “Linha Turismo”, um roteiro de ônibus realizado para apreciação da paisagem, servindo como incentivo à população para conhecer e se apropriar do lugar.

FIGURA 1: MAPA DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE, RS



FONTE: KOZENIESKI (2010, p.05).

Entre as propriedades cadastradas no projeto estão propriedades municipais como de perfil rururbano<sup>1</sup>. Esse perfil traz ao roteiro turístico uma característica diferenciada no que tange as práticas de turismo rural, promovendo a vivência do rural em uma área a poucos minutos de uma metrópole.

Através de agendamento para a visita às propriedades, onde ocorre também a comercialização de produtos agroecológicos, o visitante pode interagir com o lugar. Além disso, parte da produção agroecológica das propriedades é

<sup>1</sup>“Compreende um grande espaço territorial de Porto Alegre localizado na porção sul do município que corresponde a cerca de 60% de sua área total. Tem como diferencial, em relação às outras partes da cidade, a ocupação urbana mesclada com a produção primária e a sua configuração espacial. Caracterizada por uma paisagem natural de morros e planícies, esta configuração é marcada pela presença de grande parte da orla do Guaíba e sua faixa marginal ainda em seu estado natural”. (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016b, p. s/n).

comercializada nas feiras, as quais estão distribuídas nos diferentes bairros da cidade.

É possível estabelecer relação na perspectiva ambiental a partir dessa vivência do visitante com o lugar. Há um desafio ambiental na proposta dos Caminhos Rurais estabelecido na relação da sociedade com a natureza. Nesta pesquisa definiu-se o desafio na lógica da sociedade capitalista quando se observa a separação entre quem produz e quem consome, ou seja, a produção não é destinada somente para o consumo direto dos produtores; e, tampouco, o lugar onde se produz não é necessariamente o destino dessa produção, caracterizando a comercialização de produtos. A comercialização direta dos produtores, bem como a ideia trazida de comercialização *in loco*, acentuam o embate entre esta produção, que se propõe alternativa, e a convencional.

O recorte estabelecido configura-se em duas propriedades integrantes dos Caminhos Rurais. Tais propriedades foram escolhidas para análise devido ao tipo de trabalho turístico desenvolvido em sua propriedade e por estas atividades complementarem entre si o ciclo produtivo (uma produz e outra escoar a produção). Além disso, são estabelecimentos inseridos na lógica agroecológica e possuem destaque e repercussão em sua atuação em âmbito local e internacional. Ainda, essa amostra não representa o todo dos Caminhos Rurais, porém foram escolhidas, pois se configuram como estabelecimentos de destaque no referido roteiro.

Uma com produção de agroecológicos e o cultivo de hortifrutigranjeiros, o Sítio Capororoca, e um armazém que comercializa produtos agroecológicos de diferentes produtores, o Armazém e Café Colônia Villanova. Tal escolha justifica-se para além dos dois sujeitos constituírem os “Caminhos Rurais”, mas também porque recebem públicos diferentes, pois apresentam propostas distintas de atuação em suas propriedades e porque sua visibilidade é externa aos Caminhos Rurais.

A relação que se pretende estabelecer na análise é a de que, no território, é onde se especializam/materializam as relações de poder. Nessa perspectiva, os sujeitos envolvidos no processo se apropriam do território de diferentes formas, imprimindo sobre ele marcas. A conexão entre as diferentes marcas pode gerar fluxos constantes e efetivos de relações em meio aos fixos da materialidade no espaço. E tais fluxos podem ser observados sob a percepção das redes de relações, sejam elas comerciais, afetivas, etc. Para isso, será ainda necessária a apropriação de conceitos e noções como agricultura familiar e agroecologia.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi analisar o perfil de dois proprietários de estabelecimentos do roteiro turístico Caminhos Rurais a partir das categorias da racionalidade ambiental desenvolvidas por Leff (2006). Para isto, buscou-se:

- identificar as categorias da racionalidade ambiental de Leff (2006);
- realizar entrevista com os proprietários escolhidos para a análise com roteiro de perguntas baseadas em tais categorias;
- comparar as características gerais dos proprietários entre si e os locais escolhidos como recorte de análise;
- analisar a relação entre estes produtores e o tipo de público que frequenta as propriedades segundo a percepção dos sujeitos;
- observar a concepção de agroecológicos nas propriedades analisadas.

Portanto, a pesquisa foi estruturada para analisar um recorte dos “Caminhos Rurais”, sua dinâmica e alguns dos principais processos envolvidos. Assim, as informações e análises integrantes desta monografia foram organizadas em seis partes. A primeira parte refere-se a introdução da pesquisa, a segunda traz informações referentes aos “Caminhos Rurais” na perspectiva da criação do roteiro turístico em uma área rururbana. Também são abordadas as noção de agricultura familiar relacionada a associação Porto Alegre Rural. A terceira parte busca-se abordar a perspectiva da agroecologia, o turismo e a conservação da natureza e a racionalidade ambiental. A quarta parte apresenta material e métodos, no qual se busca explicar o caminho o qual foi traçado para se chegar aos resultados da pesquisa. A quinta parte traz os resultados obtidos sobre a produção e comercialização das propriedades analisadas, o desenvolvimento de suas propostas e trechos significativos das entrevistas. Por fim, a sexta parte traz as considerações finais desta monografia e faz o fechamento das ideias apresentadas ao longo da pesquisa.

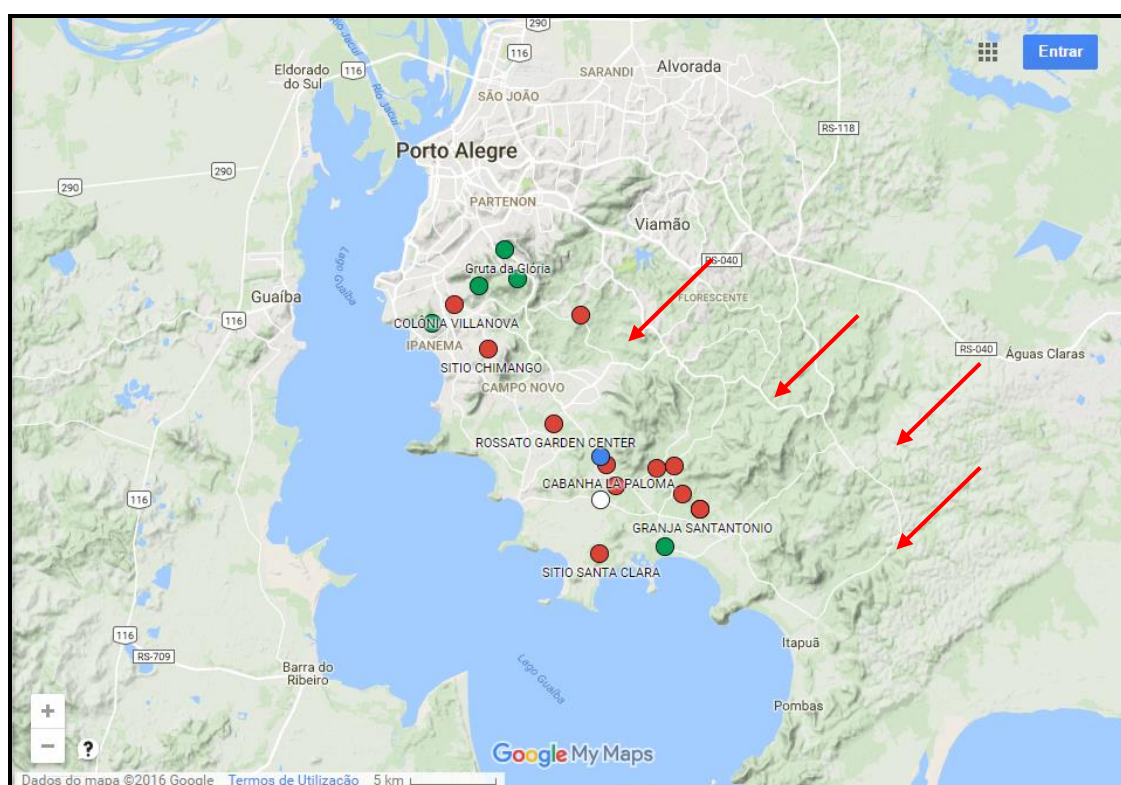


## 2 “CAMINHOS RURAIS” E A CIDADE RURURBANA

### 2.1 O ROTEIRO TURÍSTICO E A CIDADE RURURBANA

O município de Porto Alegre apresenta em sua dinâmica da paisagem diferentes características (Figura 2) Algumas das características físicas da paisagem podem ser observadas no mapa a seguir. As setas em cor vermelha indicam algumas das elevações do relevo, os quais em conjunto, configuram a cadeia de morros. Os pontos verde, azul e branco indicam pontos turísticos, e os vermelhos indicam propriedades do roteiro Caminhos Rurais.

FIGURA 2: GEOLOCALIZAÇÃO DAS ENTIDADES ASSOCIADAS NA ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL



FONTE: ARRUDA (2016, p. s/n).

A planície, onde se localiza a parte mais urbanizada da cidade; o Lago Guaíba, com 72 quilômetros de orla fluvial; e uma cadeia de morros em direção à Zona Sul, onde se encontram os Caminhos Rurais.

Caminhos Rurais é o nome atribuído ao roteiro turístico localizado em uma parte da zona sul do município de Porto Alegre que apresenta características

peculiares por ser uma área rural localizada muito próxima a uma metrópole. Esta área tem diferentes usos, desde atividades rurais, pequenas indústrias de transformação até exploração de minerais para a construção civil e núcleos urbanos autônomos. Os atrativos turísticos estão localizados nesta área, os quais se caracterizam por serem pequenas propriedades rurais com perfil agrícola e diversificado, com produção artesanal, locais de lazer, hospedagem e gastronomia. Além disso, por possuir disponibilidade de espaço para haver expansão urbana, recebeu o assentamento de núcleos habitacionais de uma parcela da população removida de áreas centrais da cidade. (WEBBER; MORAES, 2014, p. s/n).

No mapa (Figura 3) é apresentado o roteiro turístico, as duas propriedades analisadas neste estudo de caso, o trajeto do ônibus “Linha Turismo”, a macrozona Rururbana, onde estão inseridos os Caminhos Rurais e uma sugestão de traçado nominado como Território Turístico Rururbano.

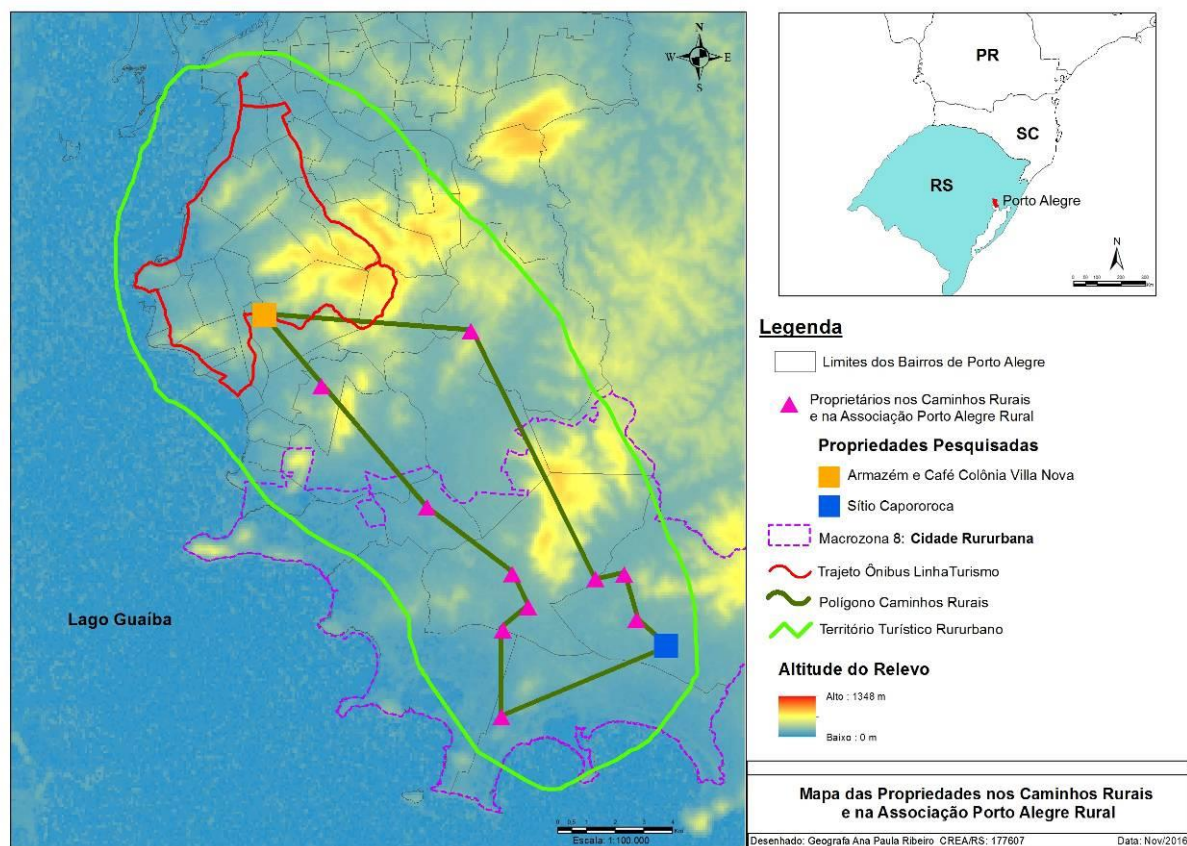
Através de um roteiro o ônibus circula numa área do município, conforme apresentado na linha vermelha da Figura 3, tal roteiro contempla a zona mais central da cidade e atinge o início da zona rururbana, onde está localizado o proprietário Armazém e Café Colônia Villanova, conforme localização indicada no quadrado cor-de-laranja. O polígono Caminhos Rurais, indicado em verde escuro na Figura 3, destaca os proprietários os quais aderiram ao projeto do roteiro.

O roteiro Caminhos Rurais atende a zona do município com características marcadamente rurais, localizado por ser uma área de transição entre a zona urbana e a zona rural. O plano diretor de Porto Alegre criou a zona rururbana<sup>2</sup>, não a caracterizando como rural nem como urbana e mantendo na legislação as peculiaridades da região.

---

<sup>2</sup> Zona Rururbana está inserida nas subdivisões do PDDUA a partir de: área de ocupação intensiva e rarefeita em três eixos: Unidade de estrutura urbana – Região de gestão e planejamento – Macrozonas (8: Cidade Rururbana). (PORTO ALEGRE, 2014).

FIGURA 3: ROTEIRO TURÍSTICO CAMINHOS RURAIS – ÁREA DE ESTUDO



Fonte: A autora (2016).

A SMURB está ligada às questões do plano diretor da cidade. O primeiro plano, em sua macrodivisão, estabeleceu o território municipal como sendo Zona Urbana - Área Urbana de Ocupação Intensiva e Área Urbana de Ocupação Extensiva - e Zona Rural. Já o plano diretor de desenvolvimento urbano ambiental (PDDUA) considerou o município como “urbano legal”, dividindo o território em duas grandes áreas: Área de Ocupação Intensiva e Área de Ocupação Rarefeita. Assim, partindo destas novas subdivisões foram elaboradas as nove Macrozonas, as quais consideram as peculiaridades das áreas da cidade diante dos aspectos socioeconômicos, paisagísticos e ambientais. E, neste contexto de macrozonas, a Cidade Rururbana apresenta ocupação rarefeita, com presença significativa de patrimônio natural, e com atividades rurais e urbanas (PORTO ALEGRE, 2014).

A macrozona Cidade Rururbana inicia a partir da cadeia dos morros da Companhia, da Polícia, Teresópolis, Tapera, das Abertas, Ponta Grossa e da orla do Guaíba, em direção ao sul da cidade, nos morros Quirinas, Taquara e Extrema, compreendendo, aproximadamente, 60% da área total de Porto Alegre. Apresenta, como diferencial em relação às outras macrozonas, a baixa densificação

populacional e a ocupação do solo marcada por atividades rurais, habitacionais e recreativas. Há a presença marcante e significativa na paisagem natural de morros, vales e planícies e a proximidade ao Lago Guaíba, com sua faixa marginal, em grande parte, ainda em estado natural. Há a predominância de grandes áreas com cobertura vegetal ainda em estado natural de preservação, atividades rurais e pequenas indústrias de transformação, exploração de minerais para a construção civil e, ainda, os núcleos urbanos autônomos de Belém Velho, Belém Novo e Lami (PORTO ALEGRE, 2014).

Quanto à paisagem, considerando que a macrozona é seccionada pela Restinga, as características naturais são diferenciadas: uma formada por morros em cadeia, vales e pequenas áreas planas e outra, marcada por morros isolados e grandes áreas baixas e planas se estendendo até a margem do Lago Guaíba (PORTO ALEGRE, 2014).

É possível observar que os aspectos apresentados anteriormente neste trabalho também estão baseados no direcionamento do plano diretor vigente, expresso na lei 434/99. Tal direcionamento aborda questões da área rururbana como sendo de ocupação rarefeita, com ambiente natural preservado e prevista na gestão de planejamento urbano do município. Ainda, o plano diretor, no artigo 28 da lei supracitada, define três classificações para as áreas de ocupação intensiva e rarefeita: estruturação urbana, macrozonas e gestão de planejamento. Diante desta classificação, a área de estudo se enquadra na Macrozona 8<sup>3</sup>: Cidade Rururbana. Em seu artigo 29, a lei 434/99 enfatiza as características socioeconômicas, paisagísticas e ambientais da região:

[...] área caracterizada pela predominância de patrimônio natural, propiciando atividades de lazer e turismo, uso residencial e setor primário, compreendendo os núcleos intensivos de Belém Velho, Belém Novo, Lami, Lageado, Boa Vista, Extrema e Jardim Floresta, bem como as demais áreas a partir da linha dos morros da Companhia, da Polícia, Teresópolis, Tapera, das Abertas e Ponta Grossa. L.C. 434/99, atualizada e compilada até a L.C. 667/11, incluindo a L.C. 646/10. (PORTO ALEGRE, 2014, p.69).

Assim, o Território Turístico Rururbano delimitado na Figura 3 pela autora desta pesquisa se dá para maior compreensão do contexto da área de estudos, no que se refere ao cruzamento de informações. Tais informações são o trajeto do

---

<sup>3</sup> Macrozona número 8 é a classificação feita pelo PDDUA referindo-se à Cidade Rururbana.

ônibus Linha Turismo, as propriedades vinculadas ao roteiro Caminhos Rurais e a associação Porto Alegre Rural.

A associação Porto Alegre Rural, derivada do roteiro por iniciativa de parte dos moradores, configurou um caráter autônomo a esse grupo em relação aos Caminhos Rurais. Atualmente, os proprietários integrantes do roteiro são os mesmos participantes da associação, conforme identificação com os triângulos cor-de-rosa na Figura 3. O polígono Caminhos Rurais em tonalidade verde escuro representa a área com características rurais bem preservadas em direção ao extremo sul de Porto Alegre. Nesse polígono a propriedade Sítio Capororoca está localizado no quadrado com cor azul escuro. As propriedades pertencentes a este polígono possuem uma placa da prefeitura municipal indicativa do roteiro Caminhos Rurais, mas o ônibus Linha Turismo não as contempla, a exceção do quadrado em laranja.

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016a), na rota turística Caminhos Rurais, conforme supracitado, as propriedades direcionam suas atividades ao lazer, prática de pesca, trilhas, passeios a cavalo, produção de vinhos, frutas, plantas ornamentais e alimentícias não convencionais, criação de ovelhas e cavalos, comida caseira, café campeiro e comercialização de produtos coloniais. Muitas dessas atividades são realizadas durante a semana ou nos finais de semana. A maioria das propriedades recebem visitantes com agendamento prévio. A visita normalmente é feita a partir de uma sensibilização inicial, com apresentação do local e instruções de funcionamento e, após, um *tour* seguido de degustação.

Kozenieski (2010) identifica que a SMTUR é responsável pelo fomento de atividades turísticas através dos serviços prestados aos turistas e divulgação dos atrativos. Dentre as atividades e roteiros, destaca-se o roteiro *Caminhos Rurais*, o qual tem por objetivo desenvolver o turismo na Zona Sul de Porto Alegre. A partir desta ação, promove a revitalização desta parte da cidade, valoriza as práticas agrícolas, propicia incremento às famílias produtoras, além de aproximar o “urbano” e os visitantes de uma área bastante preservada em suas características naturais e pouco conhecida pela maioria da população local. Ainda, a secretaria busca novas alternativas de comércio dos produtos rurais, como a venda direta em visitas ou feiras. Os atrativos são divididos em oito categorias: religiosos, hospedagem e

eventos, gastronomia, comércio, lazer, haras, ambiental e produção primária (KOZENIESKI, 2010).

A prefeitura municipal (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2016a) indica que a iniciativa turística junto às pequenas propriedades da Zona Sul de Porto Alegre surgiu em meados da década de 1990 por parte dos proprietários. Houve o empenho de diferentes gestões municipais com o intuito de viabilizar o roteiro. Em abril de 2005, foi realizado pela Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR) o inventário turístico da região nas propriedades indicadas pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). A partir desse estudo, a rota foi lançada oficialmente como produto turístico estruturado. Foi estabelecida uma parceria entre a SMTUR e os proprietários rururbanos dos bairros envolvidos. No que se refere à qualificação dos proprietários envolvidos e melhoria das estruturas e serviços nas propriedades o órgão responsável é o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-RS) através da promoção de cursos. A qualificação oferecida pelo Senar-RS é uma exigência para participar da rota turística. Essa fase de criação e execução do roteiro, além do envolvimento de diferentes órgãos públicos municipais, é o resultado positivo da mobilização de muitos dos proprietários locais ao longo dos anos.

Conforme informações obtidas do material construído por alguns proprietários na área (WEBER; MORAES, 2014), no ano de 2009, o roteiro Caminhos Rurais participou do projeto de Fortalecimento do Turismo de Base Comunitária. Este projeto está vinculado ao Ministério do Turismo (MTUR) e conveniado com a Cooperativa de Desenvolvimento de Produtos Turísticos e com os proprietários participantes da Associação Porto Alegre Rural. Neste projeto, estes proprietários receberam consultoria e oficinas de capacitação, de comercialização de roteiros e de gerenciamento coletivo. Além disso, no mesmo ano, a SMTUR, com o apoio da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), implantou a sinalização turística da rota, orientando o acesso às propriedades. Somada a esta ação, houve a articulação com uma rede de agência de turismo receptivo, a qual organiza um *tour* pelas propriedades, além de passeios mensais via agendamento prévio. O resultado dessa soma de ações, tanto dos proprietários quanto dos setores municipais ou federais, foi o aprimoramento na qualidade dos serviços e do atendimento ao visitante.

Portanto, o roteiro representa um espaço de lazer e contato com a natureza. Lugar onde os visitantes podem interagir através de atividades de turismo ou aquisição de produtos manufaturados pelos proprietários rurais da região. A sua localização do roteiro atende a quem está próximo do centro do município e a quem se desloca em direção à zona sul e extremo sul. A produção agroecológica é escoada em forma de feiras e supermercados nos bairros de Porto Alegre.

## 2.2 ASSOCIAÇÃO PORTO ALEGRE RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR

No que se refere aos agricultores locais, merece destaque a representatividade da associação organizada pelos proprietários locais. Segundo informações de Caminhos Rurais (2016), a Associação Porto Alegre Rural – POA RURAL - foi criada no ano de 2006. O surgimento dessa entidade caracteriza o trabalho coletivo que vem sendo realizado e desenvolvido nos Caminhos Rurais pelas famílias em suas propriedades. Através da associação, parcerias estão se constituindo para que se mantenha preservada a área rural de Porto Alegre. Além disso, há a busca pela ocupação de espaços para melhores condições de divulgação do trabalho existente, acesso ao mercado comercial e consolidação enquanto produto turístico desta capital.

A associação prima pela integração entre o rural e o urbano. A possibilidade de vivências do visitante junto às propriedades dos agricultores promotores do turismo rural através de atividades de cunho sustentável incentiva e demonstra a harmonia que há e que pode permanecer entre o ser humano/comunidade e o ambiente. A associação é uma organização sem fins lucrativos e econômicos e possui treze proprietários associados até o momento, destacando que já houve maior número.

Entre os associados, estão os proprietários investigados nesta pesquisa. Um deles, o Sítio Capororoca, localizado no bairro Lami, possui as características peculiares da zona sul de Porto Alegre. Há pomares frutíferos, área de plantio, espaço de convivência e a manufatura de produtos agroecológicos os quais são comercializados em feiras ou de forma direta com o consumidor final. O outro proprietário analisado é o Armazém e Café Colônia Villanova, localizado no bairro Vila Nova. Este apresenta uma proposta diferente, por ser um espaço de aquisição de produtos agroecológicos, e não de produção primária. Há espaço de convivência,

caracterizado com o cenário da cultura italiana com o objetivo de proporcionar ao frequentador uma vivência à colonização típica do bairro Vila Nova. Além disso, os produtos oferecidos são somente produzidos na região Sul do Brasil, ou seja, localmente acessíveis. Neste segundo estabelecimento, optou-se por direcionar a pesquisa ao proprietário, mas com seu olhar voltado para o visitante com maior frequência no estabelecimento.

Percebe-se que há um indicativo/direcionamento para as questões a que a Agroecologia se propõe. As duas realidades mostram, na prática, indicativos de funcionamento de um sistema agroecológico. O ser humano, com seus saberes e tecnologias necessárias, estão integrados na estrutura de funcionamento das propriedades e no pensamento/lógica de seus proprietários. Assim, a construção de elementos para a compreensão do sujeito que promove a agricultura familiar e da ciência Agroecologia se tornam importantes.

Parte-se da perspectiva de Brose (1999), em que a definição da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) diz sobre a agricultura familiar:

[...] a) a gestão da unidade produtiva é realizada por pessoas que mantêm entre si laços de parentesco e casamento; b) a maior parte do trabalho é realizada por membros da família; c) os meios de produção (embora nem sempre a terra) pertencem à família (BROSE, 1999, p.36).

Essa definição apresenta esses três aspectos sobre a agricultura familiar e destaca o seio familiar como o principal elemento. Entende que dessa unidade há possibilidade de estruturar o trabalho interno da área produtiva. Os casos analisados nesta pesquisa possuem a unidade familiar como referência básica em sua rotina diária. Há divisão de tarefas e faixas de horários a serem cumpridos, conforme relatos em entrevista.

Ainda, para Blum (2001, p.62),

O agricultor familiar é todo aquele que tem na agricultura cuja força de renda (+80%) e cuja força de trabalho utilizada no estabelecimento venha fundamentalmente de membros da família. É permitido o emprego de terceiros temporariamente, quando a atividade agrícola assim necessitar. Em caso de contratação de força de trabalho permanente externo a família, a mão de obra familiar deve ser igual ou superior a 75% do total utilizado no estabelecimento.

Essa forma de pensar a unidade produtiva familiar corrobora com a definição anterior de Brose (1999), mas especifica uma questão além: estipula taxas



percentuais para o trabalho com mão de obra familiar e extra familiar. Esse limite estabelece um parâmetro concreto de comparação entre diferentes unidades produtivas. Essa contribuição também pode se aplicar, em determinadas situações, neste estudo de caso, tendo em vista que as duas propriedades analisadas de forma eventual ou permanente realiza contratação extra de unidade familiar.

E, o Portal Brasil define o conceito de Agricultura Familiar como:

Uma forma de produção onde predomina a interação entre gestão e trabalho; são agricultores familiares que dirigem o processo produtivo, dando ênfase na diversificação e utilizando o trabalho familiar, eventualmente complementado pelo trabalho assalariado (PORTAL BRASIL, 2014, p.s/n).

Essa definição do Portal Brasil aplica uma perspectiva que reforça, em certa maneira, a definição de Blum (2001) quando traz a possibilidade de trabalho assalariado, entendendo isto como uma contratação extra familiar. Aqui não há definições de taxas em relação à unidade de produção familiar, mas ventila a possibilidade de contratação até mesmo permanente ao referir “salário”, diferente da proposta temporária.

No caso do Sítio Capororoca há o enquadramento nas três definições anteriores, tendo em vista que a família produtiva é constituída por um casal e parentes, além de trabalhadores temporários - voluntários<sup>4</sup> ou não; possui diversidade de culturas, complemento de renda com atividade profissional fora do sítio. Já o caso do Armazém e Café Colônia Villanova apenas realiza a venda de produtos confeccionados pelos produtores. No entanto, contribuem na continuidade da cadeia produtiva/comercial no processo de inserção da manufatura produzida pelos agricultores familiares. Além disso, é uma unidade familiar que trabalha no armazém, o qual se constitui como uma renda complementar e todos possuem sua profissão, em área afim ou não. Já que as duas propriedades se voltam para a concepção agroecológica, se passa a buscar neste estudo esta percepção para a compreensão da sua realidade.

---

<sup>4</sup> Participa da Organização não-governamental WWOOF (Trabalhando fins de semana em fazendas orgânicas). É uma parceria da propriedade rural com a ONG num programa de trabalho voluntário, fornecendo hospedagem e alimentação ao visitante. WWOOF é uma troca - Em troca de ajuda voluntária, anfitriões WWOOF oferecem alimentação, alojamento e oportunidades para aprender sobre estilos de vida orgânicos. Organizações WWOOF ligam as pessoas que querem ser voluntárias em fazendas orgânicas ou pequenas propriedades com as pessoas que estão à procura de ajuda de voluntários. (WWOOF, 2016).

Diante do vínculo agroecológico existente nas duas propriedades rurais selecionadas e comentadas, a seguir, se faz necessário um resgate dos principais fundamentos da agroecologia. E, absorvendo esses fundamentos se percebe que as ações individuais necessariamente conjeturam no coletivo. Assim, a seguir também optou-se por discorrer sobre o tema de forma relacionada com autores que contribuem com a premissa básica da responsabilidade de cada indivíduo, e que atitudes éticas, ou não, de cada indivíduo refletirão na sociedade.

### **3 AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, TURISMO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E RACIONALIDADE AMBIENTAL**

#### **3.1 A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA**

No final do século XIX, havia a busca por práticas agrícolas menos agressivas ao meio ambiente. Surgiram, nesse período, agriculturas alternativas, denominadas de orgânica, biológica, ecológica, biodinâmica, regenerativa, permacultura, dentre outras, na busca pela construção de um caminho alternativo ao modelo convencional. Tendo em vista que não conseguiram responder às questões socioambientais, como resultado surge a Agroecologia, cujos princípios norteariam a agricultura de base ecológica ou agriculturas mais sustentáveis. (CAPORAL, 2009).

Na perspectiva agroecológica, há o desafio ambiental a ser enfrentado diante da presente realidade social. Para se ter um agroecossistema, são necessárias mudanças, as quais podem ser entendidas como um desafio a ser alcançado. Fala-se em desafio, já que na agricultura convencional depende de insumos externos e recursos não renováveis, ao contrário da lógica agroecológica ou alternativa<sup>5</sup>.

Reforçando e corroborando com a perspectiva agroecológica e da racionalidade ambiental estão as palavras do Papa, no que se refere ao desafio de mudança de comportamento de cada indivíduo diante da forma de lidar com as situações, sugerindo responsabilidade e ética na forma de apropriação dos recursos. Assim, Papa Bento XVI (2010), em sua carta para celebração do dia mundial da paz, nos traz:

---

<sup>5</sup> Cabe aqui ressaltar que esta pesquisa não se deterá em analisar os conceitos de agricultura alternativa, nem tanto os de Agroecologia. Apenas construir um caminho para amparar esta pesquisa.

[...] o tema da degradação ambiental põe em questão os comportamentos de cada um de nós, os estilos de vida e os modelos de consumo e de produção hoje dominantes, muitas vezes insustentáveis do ponto de vista social, ambiental e até econômico. (BENTO XVI, 2010, p. s/n).

A reflexão feita pelo Papa Bento XVI traz uma preocupação já exposta na Carta da Terra. Segue:

Como nunca antes na história, o destino comum nos conchama a buscar um novo começo. [...] Isto requer uma mudança na mente e no coração. Requer um novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal. (Carta da Terra, 2000, p.7).

A Agroecologia se encaixa na lógica da complexidade em virtude de observar e compreender os fenômenos em sua totalidade. Ao propor a confluência de diferentes saberes, sugere uma reflexão das partes do todo de uma sociedade. Isto significa a transformação do olhar do observador, para que este esteja numa perspectiva de unidade harmônica das concepções, métodos e práticas das áreas do conhecimento científico, dos saberes populares e das demais esferas e sujeitos envolvidos. Apresenta-se como

Uma ciência que, ao contrário dos esquemas cartesianos, procura ser integradora, holística e, por isso mesmo, mais apropriada como a orientação teórica e prática para estratégias de desenvolvimento rural sustentável. [...] Por definição, Agroecologia pressupõe o uso de tecnologias heterogêneas, com adequação às características locais e à cultura das populações e comunidades rurais que vivem numa dada região ou ecossistema e que irão manejá-las (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.74-75).

Ainda:

[...] a Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar, holística (CAPORAL, 2009, p.4)

Entendendo que a Agroecologia une ação e bagagem cultural humanos às tecnologias desenvolvidas, apresenta-se ainda a necessidade de se ter ética no encaminhamento das práticas envolvidas. Assim, “nossa ação ou omissão podem afetar positiva e/ou negativamente a outras pessoas, aos animais ou à natureza”. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.48). E continua:

[...] a questão ética se manifesta através de certo sentido da responsabilidade que nasce de nossa relação com outras pessoas. Esta responsabilidade dá lugar a relações normativas, isto é, um conjunto de “obrigações” que passam a ser socialmente sancionadas, adquirindo o status de normas ou valores em uma dada sociedade ou grupo social. Neste sentido, a ética ambiental está centrada na reflexão sobre comportamentos e atitudes adequadas em vistas a processos e seres de relevância, em um determinado contexto, no caso o ambiente onde vivemos e no qual intervimos para realizar nossas atividades agrícolas. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.48)

A orientação agroecológica é representativa no roteiro Caminhos Rurais, tendo em vista que segundo informações dos produtores, estes não fazem uso de agrotóxicos em sua produção. Essa forma de produção contribui para a conservação da natureza, já que essa intervenção agrícola corrobora para a manutenção das condições naturais.

### 3.2 TURISMO E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Num contexto mais amplo de conservação da natureza e de planos de desenvolvimento, e entendendo que o turismo é parte desse contexto, optou-se por partir da breve compreensão dos princípios da sustentabilidade. Sendo assim, os aspectos que balizam este conceito estão pautados nos eixos ambiental, econômico, sociocultural e político institucional, segundo Moraes (2011):

Ambiental: assegura a compatibilidade do desenvolvimento com a manutenção dos processos ecológicos essenciais à diversidade dos recursos; Econômico: assegura que o desenvolvimento seja economicamente eficaz, garantindo a equidade na distribuição dos benefícios. Pois, tanto a riqueza extrema, quanto a pobreza extrema são responsáveis por danos ao meio ambiente; Sociocultural: assegura que o desenvolvimento preserve a cultura e os valores morais da população e fortaleça a identidade da comunidade; Político Institucional: garante a solidez e a continuidade das parcerias e compromissos estabelecidos entre agências governamentais dos três níveis de governo e poderes, além dos atores da sociedade civil (MORAES, 2011, p.38).

O turismo, visto como ferramenta de integração de interesses e necessidades locais deve ser planejado como um sistema aberto e inter-relacionado aos subsistemas originados dos eixos sociocultural, ambiental, econômico e político-institucional. Esses eixos, ou campos de ação e unidade social, representam uma

estrutura organizacional, permitindo ações integradas nos diferentes âmbitos envolvidos e confluindo para as questões da sustentabilidade.

Existem dois aspectos fundamentais que integram a construção da sustentabilidade, que são o equilíbrio e harmonia:

Equilíbrio se refere às questões políticas, o qual é parte integrante em todo o processo e pode estimular de maneira definitiva, o desenvolvimento do turismo em bases sustentáveis; harmonia se refere à questão da qualidade dos serviços e equipamentos turísticos, fator que influencia diretamente a demanda e que pode ser definitivo para o sucesso de um destino ou região turística. (MORAES, 2011, p.44)

Nesta pesquisa é apresentado um estudo de caso com pano de fundo com temática turística. Portanto, destacam-se os parâmetros necessários para uma breve compreensão do contexto. O turismo é um meio de valorização do local e, sendo de forma sustentável, além de agregar valor à produção e à produtividade, caminha-se na construção agroecológica. Assim, a Lei Geral do Turismo, nº 11.771, de 17 de setembro de 2008:

Estabelece normas sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico e disciplina a prestação de serviços turísticos, o cadastro, a classificação e a fiscalização dos prestadores de serviços turísticos. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2008, p.s/n).

A legislação estabelece os parâmetros que devem ser cumpridos a fim de que o setor turístico organize as estruturas necessárias. O âmbito político está diretamente interligado com as demandas dessa estrutura organizacional. A prática turística pode ser sustentável e, portanto, há a definição para turismo sustentável como:

A atividade que satisfaz as necessidades dos turistas e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais, e a diversidade biológica são mantidas para o futuro (BRASIL, 2007, p.25).

E, ainda observando a questão estrutural, houve a segmentação turística. Dentre a criação dos segmentos oficiais brasileiros, está o Turismo Rural, o qual se relaciona com as atividades desenvolvidas no estudo de casos desta pesquisa, anteriormente citados.

Seguindo na perspectiva normativa, vale lembrar o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), estabelecido na Lei 9.985, de 18 de julho de 2000. Tendo em vista que esse instrumento define conservação da natureza como sendo:

O manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2000, p.s/n).

Dentre os objetivos do SNUC, se destacam os diretamente relacionados a essa pesquisa, tais como:

Promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais; promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza no processo de desenvolvimento; proteger paisagens naturais e pouco alteradas de notável beleza cênica; valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica; favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2000, p.s/n).

Observando os objetivos anteriormente citados, percebe-se a promoção de ações conjuntas de forma sustentável. Ao se apoiar nos recursos naturais, sem esgotá-los, e optando por serem renováveis, conserva-se a natureza. Desta maneira, a beleza cênica natural se manterá e se constituirá em valor agregado local. O movimento econômico surge pela visitação de turistas e, por consequência, cada sujeito carrega consigo a experiência vivenciada e se torna multiplicador.

Sendo o turismo um veículo de conservação da natureza, é válida a projeção de planos de desenvolvimento. O turismo é percebido como uma alternativa eficaz para a manutenção da área rural produtiva, já que promove a conservação dos espaços naturais. Como estratégia de movimentação local, a sugestão do Ministério do Turismo é a criação de roteiros característicos:

A roteirização, de acordo com a proposta do Ministério do Turismo, tem caráter participativo, e deve estimular a integração e o compromisso de todos os protagonistas desse processo, não deixando de desempenhar seu

papel de instrumento de inclusão social, resgate e preservação dos valores culturais e ambientais existentes. (BRASIL, 2010, p.33)

Uma das funções do roteiro é a de servir como indicador das necessidades dos projetos já existentes, tornando-se um instrumento para melhorias dos serviços turísticos oferecidos. A circulação de turistas aumenta, além da formação de parcerias nas esferas municipal, regional, estadual, nacional e internacional, com o intuito de gerar maiores oportunidades de negócios nas regiões turísticas.

O roteiro, nesta pesquisa, é visto como um instrumento gerador de um território. Nele, é possível observar que existem relações de poder entre os diferentes sujeitos envolvidos. Os proprietários, tanto os casos da pesquisa, quanto os integrantes dos Caminhos Rurais e da Associação POA Rural, que casualmente são os mesmos, constituem um grupo de pessoas envolvidas com a causa de, além de valorizar o extremo sul de Porto Alegre, também conservá-lo, gerar renda para suas famílias, permitir e transmitir as vivências com o local e os ideais agroecológicos, dentre outros.

### 3.3 A RACIONALIDADE AMBIENTAL

O cenário atual da sociedade apresenta problemas comuns em diferentes lugares/locais. Segundo Boeira (2002, p.1):

A cidade converteu-se, pelo capital, em lugar onde se aglomera a produção, se congestiona o consumo, se amontoa a população e se degrada a energia. Os processos urbanos se alimentam de superexploração dos recursos naturais, da desestruturação do entorno ecológico, do dessecamento dos lençóis freáticos, da sucção dos recursos hídricos, da saturação do ar e da acumulação de lixo. [...] Assim, a urbanização é questionada pela crise ambiental que discute a natureza do fenômeno urbano, seu significado, suas funções e suas condições de sustentabilidade.

A racionalidade ambiental é uma categoria de análise da problemática ambiental. O processo real (relação sociedade-natureza) e o processo lógico (teoria) estabelecem estratégias de conhecimento com o intuito de ressignificar os saberes e interesses sociais. A problemática ambiental é de natureza social porque supera os saberes e os sistemas construídos e denuncia os efeitos nocivos aos recursos

naturais, o aumento da pobreza e a diminuição da qualidade de vida da população. (FLORIANI, 2004).

A partir da dinâmica humana e ambiental, pode-se trazer o conceito de ambiente para compreensão da complexidade que Leff (2006) nos propõe nesta categoria de análise. Leff (2006) define ambiente como uma “visão das relações complexas e sinérgicas gerada pela articulação dos processos de ordem física, biológica, termodinâmica, econômica, política e cultural”. A partir do conceito de ambiente a expressão cultural da sociedade pode estar sendo modificada e tais alterações podem ser observadas, por exemplo, no “fator urbano”.

As ações sociais, diante do cenário econômico e ambiental mostram uma disputa de espaço, ao mesmo tempo em que, gera uma dinâmica de relações. A categoria saber ambiental é o conjunto de saberes e valores de ordem cultural e a categoria racionalidade ambiental está vinculada ao sistema de conhecimento científico e a sua operacionalização técnica (FLORIANI, 2004).

O saber ambiental abre o debate quanto aos valores éticos, os conhecimentos práticos e os saberes tradicionais. Leff (2012) propõe o desenvolvimento de uma racionalidade ambiental, baseada em uma nova ética, embasada em princípios de uma vida democrática, com valores e identidades culturais que sejam capazes de mobilizar e reorganizar a sociedade como um todo, em busca da transformação das estruturas do poder e um efetivo desenvolvimento sustentável. O autor diz que:

Os princípios da racionalidade ambiental reorientam as políticas científicas e tecnológicas para o aproveitamento sustentável dos recursos, visando a construção de um novo paradigma produtivo e de estilos alternativos de desenvolvimento. (LEFF, 2009, p.30).

A transformação deve acontecer nas esferas econômica, política e cultural para que haja mudança efetiva na consciência e comportamento dos seres humanos. O olhar da pessoa humana deve perceber a importância de rever os seus próprios valores a partir de uma perspectiva racional, tendo por finalidade a otimização dos recursos naturais disponíveis para que não haja seu esgotamento. E, além dessa mudança de comportamento, faz-se necessário um movimento de complexidade de ações interdisciplinares a partir da reunião das diferentes áreas científicas no intuito de criar um “[...] processo de reconstrução social através de uma transformação ambiental do conhecimento.” (LEFF, 2012, p.230).



O autor estabelece que não é uma simples reunião articulada de saberes ou ciências, nem tanto recorte de realidades, mas sim “é uma prática intersubjetiva que produz uma série de efeitos sobre a aplicação dos conhecimentos das ciências e sobre a integração de um conjunto de saberes não científicos [...]” (LEFF, 2012, p.185).

Conectando a complexidade que Leff (2006) propõe em seus estudos sobre a racionalidade ambiental, Caporal e Azevedo (2011) traz através da Agroecologia uma forma de aplicação dessa nova forma de ver e perceber as relações humanas e tecnológicas. Sendo assim:

[...] a Agroecologia vem buscando a articulação de diferentes conhecimentos, de distintas disciplinas e campos da ciência, para conformar este novo paradigma do reino da complexidade, da integração do conhecimento técnico-científico e deste com o saber popular. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.54)

Partindo para a esfera de compreensão da racionalidade ambiental, Leff (2006) nos traz a perspectiva técnica. Apoiando-se nos ciclos ecológicos, dá o exemplo de Altieri (1999), a perspectiva humanista, aquela que identifica as necessidades básicas do ser humano, indo de encontro à ideologia de consumo; e a racionalidade social, a qual sugere uma reapropriação dos meios de participação da dinâmica social. Esta indica uma gestão direta relacionada à forma de apropriação do recurso, ou seja, baseado no saber tradicional das diferentes culturas tendo em vista que suas práticas possuem maior harmonia diante da natureza. Ainda, a ideia de localismo indica que a economia local se regulará conforme as necessidades e utilizando o recurso local disponível contando com o apoio da participação de pessoas. A expectativa é a de que as comunidades locais/agentes sociais possam ter o controle sobre sua economia e serem autossuficientes. Propõe-se a gradual transição de escalas para regional, nacional e, por último, internacional, nesta ordem, caso a escala local não possua condições de encaminhar suas necessidades. (FOLADORI, 2000).

E, novamente, transpondo de forma aplicada os ensinamentos de Leff (2006) sobre a racionalidade ambiental, Caporal contribui através das dimensões da Agroecologia. Esta conexão de conhecimento técnico-teórico apresenta uma confluência entre as categorias da racionalidade ambiental e as dimensões da agroecologia:

Numa perspectiva multidimensional da compreensão de sustentabilidade (CAPORAL e COSTABEBER, 2004a), os autores Guzmán Casado et al (2000) agrupam os elementos centrais da Agroecologia em três dimensões: a) ecológica e técnico-agronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política. Estas dimensões influem e interagem entre si o tempo todo, de modo que estudá-las, entendê-las e propor alternativas mais sustentáveis supõe, necessariamente, uma abordagem inter, multi e transdisciplinar. (CAPORAL; AZEVEDO, 2011, p.52).

Após essa abordagem do tema Agroecologia observa-se a viabilidade de uma aplicação concreta, por exemplo, no diálogo das entrevistas. Vislumbrou-se que as categorias da racionalidade ambiental poderiam servir de parâmetro norteador para a investigação. Optou-se por elencar o significado de cada categoria. Segundo Leff (2006), a racionalidade ambiental substantiva é o reflexo na sociedade da problemática social que há na questão ambiental diante da crise que se apresenta, de forma agravada, nestes tempos. Nos Caminhos Rurais, a racionalidade substantiva aponta o conhecimento ou não do conceito de agroecológico.

A racionalidade ambiental teórica serve de suporte alternativo aos processos materiais que ocorrem na racionalidade social, reconstituindo as relações de produção do homem com a natureza. Orienta na elaboração de instrumentos de gestão ambiental e do desenvolvimento sustentável. Nos Caminhos Rurais, a racionalidade teórica classifica que a forma agroecológica presente no roteiro turístico é uma solução alternativa, eficaz e viável ao formato convencional.

A racionalidade ambiental técnica ou instrumental estabelece os meios para a efetivação da gestão ambiental, desde instrumentos legais a arranjos políticos institucionais das políticas ambientais e formas de organização do movimento ambiental na criação de estratégias de poder, a partir das forças sociais, para a transformação da racionalidade econômica. Nos Caminhos Rurais, a racionalidade técnica ou instrumental indica a atividade turística desenvolvida como um veículo integrador, estrutural e mobilizante para o envolvimento dos diferentes agentes sociais.

A racionalidade cultural organiza e intermedia os processos entre sociedade e natureza a partir/através dos saberes étnicos e tradicionais para o aproveitamento dos recursos naturais e assim estabelece o diálogo dos saberes nas organizações culturais específicas. Nos Caminhos Rurais, e a racionalidade cultural configura a

associação de moradores o meio organizacional e efetivo de troca de saberes entre os envolvidos.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O levantamento de dados desta pesquisa foi realizado a partir da análise qualitativa. Análise que se caracteriza por observar e coletar dados que permitam desvendar os significados e as características do local onde os sujeitos analisados estão inseridos. Desta forma:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (RICHARDSON, 1999, p.90)

A análise qualitativa observa os fenômenos a partir da perspectiva dos hábitos e crenças desses sujeitos. Assim, Silva e Mendes (2013) afirmam que:

A abordagem qualitativa baseia-se na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Nela, há uma relação dinâmica e interdependente entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Vários procedimentos são utilizados nessa abordagem, dentre os quais se destacam: a observação, a entrevista, a história oral e a pesquisa documental (SILVA; MENDES, 2013, p.207).

Ainda, conforme Minayo a pesquisa qualitativa (1994, p.21-22):

[...] se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Desta forma, para encaminhar a análise proposta, este trabalho seguiu os passos metodológicos já propostos em trabalho anterior (RIBEIRO, 2014):

- a. Revisão bibliográfica: foi feita a partir de conceitos prévios ao trabalho, necessários para contextualização do cenário analisado;
- b. Produção de um questionário com perguntas semiestruturadas<sup>6</sup>, elaborado pela autora, para aquisição dos dados: baseou-se na utilização de um roteiro previamente construído com abordagem do assunto da entrevista dividido em perguntas relacionadas ao histórico pessoal do proprietário, após o histórico dos produtos, em seguida o histórico da escolha da proposta e a história do lugar. Por fim, perguntas voltadas para a perspectiva do proprietário em relação ao seu

---

<sup>6</sup> Roteiro elaborado previamente com perguntas para entrevista.

frequentador ou visitante. As perguntas foram relacionadas com o objetivo geral, os específicos e, por sua vez, com as categorias da racionalidade ambiental;

c. Coleta de dados fotográficos e aplicação do roteiro de perguntas em campo realizada a partir de entrevista semiestruturada com as seguintes categorias da racionalidade ambiental, construídas por Leff (2006): Racionalidade subjetiva, Racionalidade cultural, Racionalidade teórica, Racionalidade técnica;

Em suma, segundo Leff (2006, p.254-255), a racionalidade ambiental se constrói mediante articulação de quatro níveis de racionalidade:

Racionalidade material ou subjetiva estabelece o sistema de valores que normatizam os comportamentos sociais e orientam as ações para a construção de uma racionalidade social fundada nos princípios teóricos (saber ambiental), materiais (racionalidade ecológica) e éticos (racionalidade axiológica) da sustentabilidade; Racionalidade teórica, constrói os conceitos que articulam os valores da racionalidade substantiva com os processos materiais que a sustentam; racionalidade técnica ou instrumental, produz os vínculos funcionais e operacionais entre os objetivos sociais e as bases materiais do desenvolvimento sustentável através de ações coerentes com os princípios da racionalidade material e substantiva, gerando um sistema de meios eficazes - que inclui um sistema tecnológico adequado e uma praxiologia para a transição a uma racionalidade ambiental, assim como as estratégias de poder do movimento ambiental; racionalidade cultural, entendida como um sistema de significações que conforma as identidades diferenciadas de formações culturais diversas, que dá coerência e integridade as suas práticas simbólicas, sociais e produtivas.

Esses níveis da racionalidade ambiental apresentados serviram de base para a estruturação das perguntas das entrevistas desta monografia. Foi realizado um cruzamento de cada nível da racionalidade com cada pergunta mediante o foco de interesse da pesquisa. O Quadro 1 permite que se visualize como ocorreu a sistematização dessas perguntas.

Esse Quadro foi elaborado a partir da observação dos lugares de vivência aqui analisados. Dessa forma, solicitou-se na entrevista um breve relato do histórico do lugar. Assim, buscou-se uma metodologia que retratasse os questionamentos desta pesquisa, preservando os traços da rotina de cada estabelecimento, com o intuito de extrair informações próximas da realidade. As perguntas foram elaboradas e direcionadas com o objetivo de identificar elementos que pudessem indicar a possível construção do conceito de racionalidade ambiental no contexto apresentado.

QUADRO 1 - REGISTRO DAS PERGUNTAS REALIZADAS DURANTE AS ENTREVISTAS E OS POSSÍVEIS CRUZAMENTOS

As respostas “X” geram algumas das possíveis teias de relações	Racionalidade ambiental subjetiva	Racionalidade ambiental cultural	Racionalidade ambiental teórica	Racionalidade ambiental técnica	Objetivos específicos	Objetivo geral
Porque tu escolheste este lugar?	X	*	*	*	Identificar as categorias da racionalidade ambiental de Leff	Analisar o perfil de dois proprietários de estabelecimentos do roteiro turístico “Caminhos Rurais” a partir das categorias da racionalidade ambiental desenvolvidas por Leff
Como foram teus primeiros contatos com estas escolhas?	*	X	*	*		
E porque a escolha orgânico-ecológico-verde-caipira-ambientalmente correto?	*	*	X	X		
Porque a escolha de comercializar estes produtos e estas marcas?	*	*	X	X	Comparar as características gerais dos proprietários entre si e os locais escolhidos como recorte de análise	
Vês a tua vida, atualmente, sem a possibilidade destas escolhas?	X	X	X	X		
O que significa estar em contato com este lugar?	X	*	*	*	Analisar a relação entre estes produtores e o tipo de público que frequenta as propriedades segundo a percepção dos sujeitos	
Perspectiva sobre o frequentador:	X	*	X	*		
1- aquela idealizada inicialmente						
2- atuais frequentadores						
Alias como poderíamos chama-lo? Frequentador, cliente, consumidor, etc.		*		*		
Poderias descrevê-lo? (Citas alguma (s) representações do teu imaginário)	X	*	X	*		
Como percebes o teu frequentador ao longo deste tempo?	X	*	X	X		
Este perfil é constante ou variável ao longo da semana?	X	*	X	X		
Há um padrão de consumo dos produtos?	X	*	*	*	Observar a concepção de agroecológicos nas propriedades analisadas	
Há um padrão de poder aquisitivo dos frequentadores?	*	*	*	X		

FONTE: A autora (2016).

d. Análise das entrevistas: os resultados foram apurados através da análise de conteúdo nas diferentes categorias. Através da observação de algumas palavras-chave expressas durante a conversação foi estabelecida a hipótese de que o entrevistado mencionaria termos ou expressões relacionados ao seu contexto no intuito de conduzir à dinâmica da produção e comercialização nos Caminhos Rurais. As palavras foram cotejadas conforme o número de vezes mencionadas ao longo do diálogo da entrevista, e assim, a quantidade de cada palavra foi tabulada. Através da recorrência das palavras foi possível identificar as tendências significativas e estabelecer a relação que existe entre os proprietários com as diferentes formas de propostas de cada lugar.

Para a realização da análise de conteúdo das entrevistas foram identificados os pontos em comum entre a fala gerada e a categoria de análise a qual esta pesquisa foi embasada. A opção por espacializar<sup>7</sup> as indagações no formato de Quadro se deu para demonstrar o cruzamento da pergunta com a esfera da categoria racionalidade ambiental, conforme demonstrado no Quadro 1. Desta forma, os elementos encontrados (representados no Quadro 1 por “x”) geraram representações as quais direcionam para um conjunto de significados. O conjunto destas significações origina outro conjunto de respostas às ações observadas nesta pesquisa. A análise dos resultados foi feita a partir dos elementos encontrados em cada cruzamento, sem a pretensão de esgotar as possibilidades.

O Quadro 1, também traz o confronto dos objetivos, geral e específicos, com as perguntas investigativas para que visualmente fossem percebidos na construção da entrevista. Cada objetivo contemplou um conjunto de perguntas, as quais atribuíram uma fase no processo de investigação.

---

<sup>7</sup> Conceito geográfico que deriva de espaço. Significa descrever um lugar, uma paisagem geográfica.(HOLZER, 1999).

## 5 RESULTADOS DA PESQUISA

### 5.1 COMPARANDO AS PROPRIEDADES ESTUDADAS

Conforme descrito anteriormente os sujeitos escolhidos para serem observados nesta pesquisa apresentam relevância, pois, além de estarem localizados numa área propícia para o desenvolvimento turístico, possuem enfoques distintos, porém complementares, na perspectiva da atividade turística. Ambos têm possibilidades de lazer, espaços de convivência e consumo agroecológico. O diferencial desses sujeitos está na proposta de imersão a que o visitante poderá experimentar o contato com o lugar.

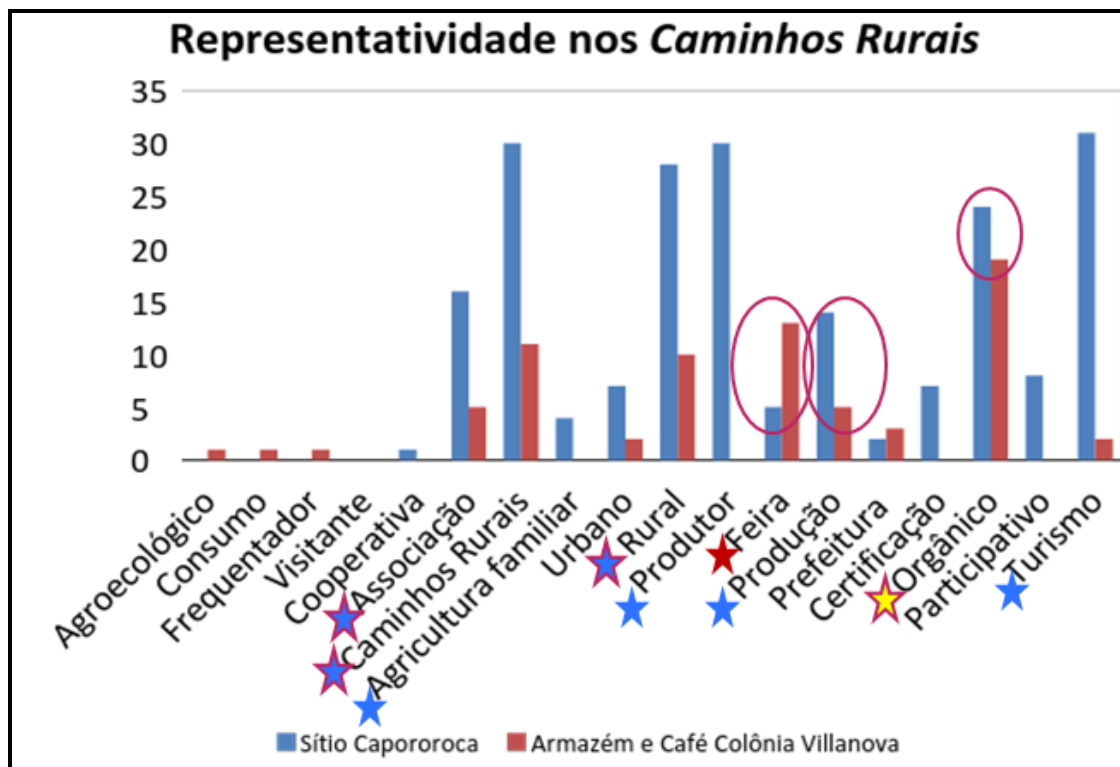
Ao realizar uma análise de conteúdo, a recorrência de alguns termos utilizados pelos sujeitos entrevistados nas respostas dadas aos questionamentos, podem nos dar pistas da relevância de determinadas questões no cotidiano desses sujeitos. Assim, conforme descrito na seção dos procedimentos metodológico, a partir da contagem do número de vezes que a palavra foi mencionada ao longo do diálogo da entrevista, a quantidade de cada palavra foi tabulada, conforme se observa no Gráfico 1. Desta forma, a disposição do Gráfico 1, demonstra as duas propriedades para fins de comparação dos significados mais representativos entre si.

Os casos analisados apresentaram práticas agroecológicas. Além disto, o turismo configurou-se como um dos motivos para o aprimoramento das práticas já existentes. E, esse comentário foi extraído a partir da análise das tendências expressas no discurso dos sujeitos, possíveis de observar através dos picos significativos do Gráfico 1. Desta forma, identificou-se tais picos através do uso de símbolos: as estrelas em cor azul com contorno vermelho escuro representam os picos de palavras nas falas de ambos os sujeitos, que são associação, caminhos rurais e rural; já as estrelas em cor azul representam os picos para o sujeito Sítio Capororoca: agricultura familiar, produtor, produção e turismo; a estrela em tom vermelho representa o pico para o Armazém e Café Colônia Villanova: feira; por fim, a estrela em cor amarela com contorno em vermelho, com a elipse vermelha sinalizando os picos, representa a palavra mais verbalizada durante a entrevista para ambos os proprietários: orgânico. E, as outras duas elipses representam as



palavras significativas para ambos os proprietários, mas de forma inversa: produção para o Sítio Capororoca e feira para o Armazém e Café Colônia Villanova.

GRÁFICO 1- COTEJAMENTO DAS PALAVRAS REPRESENTATIVAS EXTRAÍDAS DAS ENTREVISTAS



FONTE: A autora (2016).

Dessa forma, foi possível observar que as palavras mais representativas para o Sítio Capororoca, em primeiro lugar foram: turismo, Caminhos Rurais, Rural, produtor e orgânico, seguidas por associação e produção, e, seguidas por certificação, participativo, feira, urbano e agricultura familiar. Por fim, num último patamar, com pouca ou nenhuma representatividade, o restante das palavras: agroecológico, consumo, frequentador, visitante, cooperativa e prefeitura.

Já no Armazém e Café Colônia Villanova, foi possível observar que a palavra mais significativa foi em primeiro lugar: orgânico, num segundo patamar feira, rural, Caminhos Rurais, num terceiro patamar associação, urbano, turismo, produção, prefeitura e por fim, com pouca ou nenhuma significação agroecológico, consumo, frequentador, visitante, cooperativa, agricultura familiar, produtor, certificação, participativo.

Ainda, ao comparar os sujeitos do recorte observaram-se semelhanças e diferenças no contexto dos Caminhos Rurais. O fato do Armazém e Café Colônia Villanova estar mais próximo ao centro da cidade em relação ao Sítio Capororoca, promove uma amostragem de público diferente entre as propriedades. Ainda, possuem reconhecimento em escalas local e internacional em variados ambientes.

O Sítio Capororoca apresenta parceria com a organização não-governamental WWOOF, o que permite receber voluntários de qualquer país, os quais se prontificam a permanecer numa propriedade como esta para fins de aprendizado e vivência e, em troca, receber alimentação e hospedagem. E, já recebeu alguns estrangeiros e outros brasileiros através desta modalidade. Já foi tema de reportagem em jornais locais como estabelecimento importante presente em uma feira agroecológica que ocorre anualmente em Porto Alegre promovida pela prefeitura.

O Armazém e Café Colônia Villanova recebeu visitas locais de jornalistas, em tempos variados os quais, ao emitirem suas reportagens, acabaram por divulgar o estabelecimento local, num site com elevado grau de acessos, e internacionalmente numa revista do país Equador. Esse fato motiva o público interessado à busca informações, principalmente, sobre seus horários de funcionamento.

Ambos os proprietários trabalham diretamente no lugar, junto com suas famílias. O Armazém e Café Colônia Villanova é caracterizado pelo desenvolvimento de atividades simultâneas entre todos os familiares. O casal proprietário, ela é dentista gerontóloga (de onde nasce a preocupação pela melhor qualidade de vida ao longo dos anos de vida útil) e ele músico. Dos filhos são: agrônomo, *design* e estudante. Residem num bairro vizinho, mas convivem no bairro Vila Nova. E o fator motivacional para a abertura do estabelecimento foi o de se configurar como um meio de oferecer melhor qualidade de vida às pessoas, tendo em vista que estarão consumindo produtos sem veneno. E soma-se à proposta o fato de propiciar um ambiente acolhedor com elementos que resgatam a história do bairro Vila Nova.

Já o casal do Sítio Capororoca, também exerce funções simultâneas, mas num processo diferente do outro proprietário. Residiam na zona central de Porto Alegre, onde há características urbanas. Há mais de treze anos se estabeleceram no sítio, uma propriedade de 2 hectares, no extremo sul de Porto Alegre, local de características rurais. Ele é médico, realiza o movimento pendular diário por motivos

profissionais e produz cerveja artesanal como *hobby*. Ela é engenheira agrônoma e aplica seu conhecimento na rotina do sítio. Há outras duas ou três pessoas que auxiliam na demanda diária. O fator motivacional para fixação definitiva de sua moradia no sítio foi a relação estabelecida com o lugar ao longo de alguns anos. As melhores condições de vida que as características rurais propiciam, diferentemente da proposta do meio urbano, servem como fator decisório na transferência da residência. E, esse lugar ter-se tornado um espaço receptivo aos poucos, foi consequência, através de visitas técnicas de grupos universitários, divulgação em feiras e, posteriormente, com a criação do roteiro turístico Caminhos Rurais.

Foi possível observar a partir da análise da relação estabelecida com seu público que, a partir de sua percepção enquanto sujeito, é possível relatar que, o visitante (para o sítio) e cliente (para o armazém) após o contato com o local adquire uma percepção do lugar<sup>8</sup>. Isso se deve ao fato da imersão que sofrem ao frequentar o lugar, seja por algumas horas ou instantes. Parte do público possui noção de sua busca e o que irão encontrar no lugar, já outros, a experiência passa a ser novidade.

No Armazém e Café Colônia Villanova, um dos questionamentos foi se o público que teria acesso ao produto seria reduzido ou restrito ao seu poder aquisitivo. A proprietária comenta que é o conhecimento do conceito do produto agroecológico que promove a aquisição e faz com que o mesmo até economize para a realização de suas compras, pois, preza por qualidade de vida. Não há trocas de experiências ou saberes entre os clientes durante suas compras ou consumo direto. E, o fato do público ser considerado “cliente” pelo proprietário acontece por ele estar adquirindo monetariamente por um produto ou serviço, e não apenas visitando um local.

E no Sítio Capororoca, a troca de experiências entre e com os visitantes ocorre de diferentes formas. Os estrangeiros ou brasileiros trocam aprendizados e saberes durante sua convivência, inclusive no ingresso de visitantes eventuais no lugar. Aqui, a troca é não monetarizada, ou seja, acontece através do conhecimento adquirido e transmitido e do capital humano no trabalho empenhado. E, àquele que agenda sua visita, individual ou em grupos, lhe é cobrado um valor monetário para

---

<sup>8</sup> Lugar é um conceito geográfico. Pode ser definido como o espaço percebido, ou seja, uma determinada área ou ponto do espaço da forma como são entendidos pela razão humana. Também está relacionado ao espaço afetivo de relação do sujeito àquele local em que possui certa familiaridade ou intimidade, como uma rua, uma praça ou a própria casa, construindo o sentimento de pertencimento e assim sua identidade com o local. (HOLZER, 1999)..

custeio do alimento a ser consumido diretamente no local durante a visita junto a um valor de ingresso no local. Ainda, os proprietários convidam para apreciação da cerveja artesanal produzida com a finalidade de acolhida desse público.

E, outra forma de contato com os visitantes ou clientes são as feiras. O Sítio Caporoca participa da feira junto a outros produtores dos Caminhos Rurais, e até mesmo com assentados rurais, conforme a feira. Já o Armazém e Café Colônia Villanova realiza sua feira no *hall* da propriedade. Oferece produtos de diferentes localidades, mas resguarda o cunho agroecológico.

Quanto à concepção de agroecológico observou-se que há o conhecimento do conceito de orgânico. As duas propriedades afirmam que não produzem de forma orgânica, por diferentes motivos, mas se apropriam do conceito de agroecológico. Em suas falas é notável que referem o seu produto ou produção como sendo orgânico. As falas do agroecológico parecem confundir-se em meio à referência do orgânico, mesmo havendo o reconhecimento de que há diferença. O Sítio Caporoca expressa que ainda não se enquadra como produtor orgânico por não possuir nenhum selo de certificação. E, no caso do Armazém e Café Colônia Villanova, o estabelecimento possui fornecedores com selo de certificação, deixando de expor produtos os quais não possuem tal selo.

Outra perspectiva observada foi a relação comercial estabelecida entre produtor e consumidor no Armazém e Café colônia Villanova. O cliente consome numa perspectiva de aquisição de um produto de qualidade reconhecida. Estabelece uma relação de confiança com o comerciante. Assim, a noção que inicialmente havia, de que poderia o consumidor sentir-se, de certa forma, lesado por investir um valor monetário maior em relação a outro produto de outra categoria, se desfaz. O consumidor adquire com satisfação porque aprecia a qualidade do produto e possui garantias através da certificação de estar consumindo um produto livre de agrotóxicos.

Observou-se que há também relação comercial com o visitante do Sítio Caporoca. No momento da visita é disponibilizada a aquisição de produtos, tais como geleias, hibisco seco, pão caseiro, dentre outros. Este tipo de comércio é caracterizado como venda direta, tendo em vista o acesso direto do consumidor ao produtor e estando baseado em relações de confiança.

Elementos como o roteiro turístico Caminhos Rurais, a Associação POA Rural e o ônibus “Linha Turismo” são veículos sociais que contribuem para a

efetivação do processo turístico. E, conseqüentemente, há benefícios como a vivência do visitante e, em muitos casos, o movimento do turismo é a renda econômica do produtor.

E, analisando de forma mais ampla, a proposta do Território Turístico Rururbano materializa essa dinâmica social e econômica no espaço do município de Porto Alegre, ao mesmo tempo em que reflete o significado desse conjunto de ações. O desenho estimado desse território foi criado para demonstrar a proximidade da dinâmica de ações, da contribuição mútua que deriva das ações coletivas e individuais e a transição nas características paisagísticas. Ao se observar a paisagem a partir do centro de Porto Alegre, onde está situada a Linha Turismo, em direção à zona sul e extremo sul, onde está localizada o roteiro Caminhos Rurais é possível perceber a marca de transição na paisagem, a qual representa o rururbano de Porto Alegre.

As propriedades nesta pesquisa contribuem e são parte integrante de uma nova estratégia de ação no coletivo tendo em vista que promovem a diversidade em sua produção, além de estabelecer relações com diferentes produtores e consumidores/visitantes/clientes. Uma forma de obtenção dos resultados foi destacar parte das falas das entrevistas para cada propriedade com o intuito de otimizar os resultados obtidos. A partir desses trechos são apresentados os cruzamentos dos possíveis pontos de tessitura com a categoria da racionalidade ambiental. Ao final há uma indicação de tendência à categoria mais representativa de cada sujeito. As propriedades selecionadas para esta pesquisa apresentam características peculiares. Tais características são reveladas no momento da entrevista, através do contato com o lugar ou da experiência vivenciada durante a coleta dos dados. Desta maneira, a seguir, serão apresentados os dois lugares analisados por meio de registro fotográfico e trechos de entrevistas.

## 5.2 O SÍTIO CAPOROROCA

O sítio é um espaço de vivência e consumo, o qual oferece seus produtos artesanais na forma de venda direta ao visitante durante a sua permanência na propriedade. O seu diferencial é, além de receber seus visitantes numa área de lazer, é oferecer a imersão numa paisagem com características tipicamente rurais. Há a possibilidade de colher fruta no “pé”, transitar por entre a plantação, observar

construções feitas através de técnicas de permacultura e observar a família e pessoas envolvidas com o sítio trabalhando de forma conjunta. O cultivo de plantas alimentícias não convencionais é um atrativo da propriedade, como o caso do Hibisco (Figura 4), planta medicinal, utilizada na preparação de chás, saladas, geleias e molhos.

FIGURA 4 – “PÉ” DE HIBISCO



FONTE: A autora, 2016.

Outra planta medicinal encontrada no Sítio Capororoca é a Capuchinha (Figura 5), uma planta alimentícia não convencional utilizada em casos de infecção urinária e retenção de líquidos, mas também encontrada em restaurantes, os quais servem suas folhas e flores em saladas.

FIGURA 5 - CAPUCHINHA



FONTE: A autora, 2016.

O caráter pedagógico também tem destaque na visitação da propriedade, onde grupos de estudantes tem a oportunidade de realizar visitas técnicas para conhecer o cotidiano e as práticas produtivas desenvolvidas (Figura 6).

FIGURA 6: GRUPO DE UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE GEOGRAFIA EM VISITA TÉCNICA



FONTE: A autora, 2016.

A Figura 7 demonstra uma atividade de visitação oferecida aos turistas, onde a proprietária do estabelecimento mostra a composteira e explica a transformação de material orgânico em adubo natural, livre de insumos químicos.

FIGURA 7: A PROPRIETÁRIA APRESENTANDO A COMPOSTEIRA



FONTE: A autora, 2016.

O adubo produzido na composteira é utilizado na horta da propriedade (Figura 8), a qual inclui uma variedade de legumes e hortaliças que são utilizados tanto para o consumo da família quanto comercializados na propriedade e em feiras.

FIGURA 8: HORTA DA PROPRIEDADE



FONTE: A autora, 2016.



O Sítio também possui um açude (Figura 9) no interior da propriedade, utilizado para a captação de água para a irrigação.

FIGURA 9 – AÇUDE DA PROPRIEDADE



FONTE: A autora, 2016.

No que se refere as edificações da propriedade, o Sítio Capororoca, possui além da moradia de seus proprietários, um alojamento (Figura 10), no qual recebe voluntários que chegam ao sítio através da ONG WWOOF para realizar estágios na propriedade por um determinado período.

FIGURA 10: VISTA DA MORADIA, DA ÁREA DE CONVIVÊNCIA E DO ALOJAMENTO



FONTE: A autora, 2016.

A seguir estão dispostos no Quadro 2 trechos significativos da fala durante a entrevista. Há o indicativo das categorias da racionalidade ambiental. Os entrevistados foram os proprietários. Os elementos encontrados, a partir do cruzamento do roteiro de perguntas com as categorias de análise, geraram representações. Tais representações direcionam para um conjunto de significados a serem observados de forma contextualizada nesta pesquisa. Através do ponto de tessitura será possível perceber a confluência extraída da fala com a categoria em questão.

QUADRO 2 - REGISTRO DAS FALAS MAIS REPRESENTATIVAS DA ENTREVISTA NO SÍTIO CAPOROROCA

Falas significativas	Análise dos pontos de tessitura com a categoria Racionalidade Ambiental.	Ponto
<i>“Então assim: é uma visita técnica e ao mesmo tempo a gente agrega a questão do turismo”.</i>	Técnica	Turismo é visto como meio.

<p><i>“Porque a cidade começou a vir prá cá e aí então, hoje, qual é o maior problema para a primária? Para a agroecológica? Para os produtores da região sul, extremo sul? É especulação imobiliária. Então assim: a gente começou a ver que o turismo seria uma boa oportunidade de divulgar isso. De mostrar prá pessoas. Mostrar para as pessoas que moram no meio urbano que é importante preservar esse espaço. Então assim: eu – não só eu – várias pessoas que entraram no turismo rural foram motivadas por isso. Então assim: no momento que eu... Até pode vir um aluno que é o meu público, uma parte do público, que é o pedagógico, eu posso fazer essa fala. Mas o turismo mesmo, aquele velhinho, aquele outro que tá vindo dentro do Domingo no Campo ou dentro do turismo, a ideia é essa: mostrar o que a gente tem”.</i></p>	Substantiva e Técnica	Especulação imobiliária e turismo
<p><i>“Que existe uma área rural em Porto Alegre não de fato. Mas existe. Porque nós temos uma área rururbana. O plano diretor não contempla mais área rural. A gente quer ver se consegue mudar isso”.</i></p>	Substantiva	Troca da perspectiva do rural pela do rururbano é visto como problema local
<p><i>“Nós estamos na época de seca. Mas quando chove é uma área que não tá impermeabilizada, então uma área onde a água vai infiltrar, onde a água vai poder escorrer. Essa questão, até preservação ambiental mesmo né?”.</i></p>	Substantiva	Escoamento superficial
<p><i>“a gente tem esse produto que é o Domingo no Campo, que tem que ser reorganizado. A gente não sabe bem qual... Nós estamos hoje com uma consultoria... Nós há dois ou três anos atrás, a Associação Caminhos Rurais, ela foi selecionada para o Talentos Brasil, não sei se tu sabe?”.</i></p>	Cultural	Papel da associação de moradores (POA Rural, aqui chamada de Caminhos Rurais)
<p><i>“É. A relação com as pessoas, com as pessoas que trabalham contigo, com as pessoas que consomem o teu produto. A questão da... Também a gente comenta assim... Porque a ideia de tu produzir no local. Tu produz um produto orgânico aqui e leva... A questão da cerveja. A gente fica brincando: a brigada ecológica da cerveja é altíssima. Porque tu importa os ingredientes, porque não tem como... Nós produzimos... A nossa cevada que nós produzimos aqui é muito ruim. O lote que produz – não tem muito lote – então assim: produzir cerveja no Brasil é difícil. Então tem que vir insumos de fora. E aí fala isso. Então assim: a ideia agroecológica é isso: produzir aqui e vender ali do lado. Tem isso. Então era a questão de mostrar como que a gente produz, o que a gente tem dentro dessa biodiversidade, de várias plantas que a gente tem diferente, plantas comuns. Produzir alface. Mas o que a gente tem? O que a gente</i></p>	Teórica	Relação com a matéria prima e a produção

<p><i>leva na feira hoje? Hoje no verão, dezembro de 2013: nós temos alface, nós temos rúcula, tem beterraba, tem abobrinha, tem pepino, tem tomate, tem morango, tem um pouco de amora. Tá terminando pêssego e tá começando ameixa. Tem um monte de coisas. E junto com isso, em 2005, eu conheci – 2004 na realidade – 2005 a gente começou o turismo rural.”</i></p>		
<p><i>“Então é isso assim, e a história das... Primeiro tinha a questão da orgânica, não orgânica, a gente chama de agroecológica porque orgânica pode ser monocultura. A gente tem outro. Orgânico pela legislação, pela definição, tu pode produzir orgânico desde que... É a troca de insumos. Tu pode produzir soja, alface, desde que tu não use produto químico nem veneno, tem um produto orgânico. Agora, a agro ecologia é muito mais do que isso. A gente trabalha com essa questão da diversidade. A gente comenta que é uma questão de filosofia de vida. É muito mais do que produzir sem veneno. É expressado nas pessoas que estão comprando o teu produto, da forma como tu tá gerenciando a água”.</i></p>	Técnica	Diversidade
<p><i>“O que a gente leva na feira hoje? Hoje no verão, dezembro de 2013: nós temos alface, nós temos rúcula, tem beterraba, tem abobrinha, tem pepino, tem tomate, tem morango, tem um pouco de amora. Tá terminando pêssego e tá começando ameixa. Tem um monte de coisas. E junto com isso, em 2005, eu conheci – 2004 na realidade – 2005 a gente começou o turismo rural”.</i></p>	Cultural	Diversidade e saberes
<p><i>“Tu tem uma propriedade agroecológica que também trabalha com o resgate de plantas alimentícias não convencionais. E tentar resgatar algumas coisas que as pessoas comiam e não comem mais. Porque tu vai no supermercado e não tem”.</i></p>	Cultural	PANC vista como resgate dos saberes.
<p><i>“Comprava tudo pronto, porque o supermercado é na esquina. Então a questão assim: o que aconteceu? A gente começa a vir, tu começa a cozinhar mais, tu começa a fazer. Então assim: tu começa a mudar um pouco”.</i></p>	Cultural	Transição dos costumes urbanos para os rurais

FONTE: A autora, 2016

Buscaram-se trechos com exemplos significativos em que todas as esferas da racionalidade fossem contempladas. A esfera técnica representada pela

diversidade de culturas produzidas e pela atividade turística que se caracteriza como o meio que veicula a importância de manter preservado o lugar ao público visitante. A esfera substantiva está representada através da especulação imobiliária, a qual se conecta com a realidade de o rural tornar-se rururbano diante da legislação do plano diretor urbano. Soma-se a esta perspectiva a questão do escoamento superficial, que nesta região não tem incidência, tendo em vista que o solo não é impermeabilizado, o que acaba por preservar os solos. A esfera cultural está relacionada à associação de moradores, a qual possui papel fundamental para a troca de saberes. Representa também a diversidade de saberes e a transição de costumes urbanos para os rurais. Ainda, as plantas alimentícias não convencionais (PANC) simbolizam o resgate do saber sobre a aplicabilidade das plantas. Por fim, a esfera teórica está expressa na aquisição da matéria prima e tipos de produtos e produção.

### 5.3 O ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA

O Armazém Colônia Villanova é um espaço de consumo de produtos agroecológicos e de imersão na história do bairro Vila Nova. A circulação interna é configurada num sistema de *self service*, além de oferecer lazer e espaço de convivência ao seu cliente. Está localizado na zona rurubana de Porto Alegre, mas num ponto próximo do centro da capital. A proposta é a qualidade de vida que as pessoas podem optar por passar a ter a partir do momento da aquisição de um produto agroecológico.

A decoração do Armazém guarda traços culturais da localidade, uma antiga vila de imigrantes italianos. Decorado com objetos antigos (Figuras 11 e 12) misturados aos produtos comercializados, tem o intuito de fazer o visitante se sentir em um antigo armazém italiano.

FIGURA 11: ELEMENTOS NO AMBIENTE QUE LEMBRAM UM ANTIGO ARMAZÉM



FONTE: A autora, 2016.

FIGURA 12: ELEMENTOS ANTIGOS QUE REMONTAM A HISTÓRIA DO BAIRRO



FONTE: A autora, 2016.

Os produtos oferecidos no estabelecimento (Figura 13) seguem a orientação de consumo dos proprietários, os quais informaram consumir produtos orgânicos e integrais. Devido a dificuldade de encontrar esse tipo de produtos, os proprietários decidiram buscar produtores da região que produzissem esses produtos e passaram a oferecer no estabelecimento.

FIGURA 13: PRATELEIRA E MESAS COM EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS



FONTE: A autora, 2016.

Além da comercialização dos produtos, o Armazém e Café Colônia Villanova oferece aos sábados um café colonial (Figura 14), que se diferencia por oferecer apenas alimentos saudáveis, como sucos orgânicos, pão de chia, pão de iogurte, frios, queijos, geleias, cuca de banana, aveia e mel e frutas da época.

FIGURA 14: ÁREA FRONTAL DA PROPRIEDADE COM CARTAZ ANUNCIANDO O CAFÉ DA MANHÃ



FONTE: A autora, 2016.

A seguir no Quadro 3 constam trechos de falas representativas relacionadas à categoria racionalidade ambiental e o ponto de tessitura. Os entrevistados foram os proprietários.



QUADRO 3: REGISTRO DAS FALAS MAIS SIGNIFICATIVAS DA ENTREVISTA NO ARMAZÉM E CAFÉ COLÔNIA VILLANOVA

Falas significativas	Análise dos pontos de tessitura com a categoria Racionalidade Ambiental.	Ponto
<p><i>“Eu tive Veja Porto Alegre dois anos seguido. Destemperados, que foi outubro de 2012. E todo sábado, pelo menos um cliente novo chega e diz que foi no Destemperados que viu. E que fazia tempo que queria vir e não sei o quê. Bom, tu saiu há dois anos no Sabores do Sul, concorreu ao melhor café da manhã. Saiu uma página inteira no ZH Gastronomia, na zona sul. Saiu no Caderno de Viagem: O que fazer em Porto Alegre nas Férias? Que a jornalista é nossa cliente, a Bia. Que vai passando. Aí fica aquela coisa do boca a boca. Então teve bastante. Ah, o Vida e Saúde. O programa Vida e Saúde da RBS também. E tudo mídia espontânea a nossa. Só tiramos dinheiro do bolso prá botar no jornal do bairro – não que precisasse, não precisa toda essa mídia – a gente colocou em jornal do bairro para incentivar o nosso jornal”.</i></p>	Técnica e Cultural	Apresentação da proposta do alimento orgânico estranha para a parcela da população do bairro
<p><i>“Não, eles eram adeptos também a esse tipo de alimentação. Que isso eu tenho dificuldade aqui nessa região. Muita dificuldade. Se tu vai para Bonfim, Floresta, Moinhos de Vento, Rio Branco, toda aquela região, a cultura do pessoal lá já é de consumir alimentos naturais integrais. Muito mais. Um e outro que não. É bem assim. Porque eu morei. Eu morei 12 anos lá, eu sei como é. Aqui nessa região é o contrário. Eles ainda tão... Chega e às vezes nem é... Olham e dizem assim: é caro. Aí eles atravessam a rua e compram um troço, uma bomba para a saúde. Pagam caro e continuam achando bom”.</i></p>	Substantiva e Cultural	Contato com o "novo", o orgânico e "aquele" lugar
<p><i>“Eu vou te dizer uma coisa: ali onde tu mora (quase em frente ao estabelecimento), aquela clientela que eu tenho ali é ótima. Professores, pessoas que já tem outra cabeça”.</i></p>	Substantiva e Cultural	No mesmo lugar, alguns moradores conhecem e valorizam o orgânico e outras nem sabem do que se trata o assunto.

<p><i>“Eu vim morar e depois de dois anos, daí que eu abri. Eu fazia caminhadas... Eu acho assim: em qualquer lugar que eu vá, mesmo por uma viagem rápida, eu procuro me inteirar da história do local, saber tudo. Então eu acho o fim uma pessoa se mudar para um bairro e não saber nada daquele bairro. Então quando a pessoa entra num bairro desta forma, o que ela faz? Ela não preserva a cultura do local. Ela continua sendo um ET. Ela vai estar ali – que é o que acontece muito aqui na zona sul – o pessoal vem prá cá e acaba consumindo fora da zona sul porque preserva os hábitos, continua com os hábitos anteriores, do bairro que ele morava. E não preserva o que tem na cultura do bairro. E casualmente a Vila Nova, ela tem uma história muito forte, que era uma colônia italiana dentro de Porto Alegre. Então sempre funcionou como se fosse uma cidade dentro de Porto Alegre”.</i></p>	Cultural	Identidade com o lugar.
<p><i>“Então tinha uma linha de trem que passava aqui, que quem trouxe foi o Vicente Monteggia também. Porque ele como agrimensor, ele fazia parte de construção de diversas ferrovias, inclusive a ferrovia de Paranaguá. Então ele tinha um conhecimento muito grande nessa área da ferrovia, todo o negócio da ferrovia. E conseguiu trazer a ferrovia prá Vila Nova prá escoar a produção tanto de hortaliças quanto de uva daqui da Vila Nova. Pêssego e ameixa veio muito tempo depois. Ainda tem um dilema. Eu conheci antes até de vir prá cá um descendente do pessoal aqui, um japonês. Porque vieram os japoneses na década de 50 para cá também. Disse que eles trouxeram pêssego e ameixa. E eu acho que foi mesmo. Porque isso não é tradição de italiano”.</i></p>	Cultural	História dos saberes

<p><i>“Inclusive a dona dessa loja aqui do lado é uma descendente japonesa, também aqui da Vila Nova. Ela disse a mesma coisa. Que foram os japoneses que trouxeram pêssego e ameixa. Então isso veio bem depois. E isso apagou a festa da uva. Que a festa da uva da Vila Nova foi a primeira festa do Rio Grande do Sul, antes de Caxias do Sul. Então tudo isso, as pessoas vem morar no bairro e não sabem. Isso me irrita profundamente. Tu tem que te orgulhar de estar num lugar que funcionou desse jeito e que tem ainda resquícios. Que tudo gira em torno da igreja. A igreja é muito importante, aqui da Vila Nova. A comunidade que é mais católica, ela trabalha ativamente ali. O próprio Vicente Monteggia ele era muito católico. Então foram terras dele, que ele doou prá igreja. Primeiro tinha uma capelinha muito bonitinha, daí demoliram a capelinha, fizeram aquela igreja. Eu não sei se tu sabe: ali na esquina da Vicente Monteggia com a João Salomoni, bem ali onde tem o Hoffmann? Tem um obelisco que tinha uma cruz. Muito bonita a cruz, em cima. Aquilo ali foi construído pelo Vicente Monteggia para fazer missa campal enquanto a igreja não era terminada. Então a missa era feita ali. [...] Então eu quis colocar o local como um ponto em que eu possa contar isso prá pessoas e que eles venham me contar também, quem era morador antigo. E realmente eu sei muita coisa. E se Deus quiser, um dia fazer um projeto para fazer... Realizar mesmo... Fazer um documentário sobre isso”.</i></p>	<p>Cultural</p>	<p>Uma é a questão do resgate histórico local e outra é a questão alimentar.</p>
<p><i>“Ele é cliente. Têm pessoas que vêm aqui e são amigos, fazem uma visita, vem conversar. Ou às vezes nós temos alguns eventos culturais, essas coisas todas. Então também aí é mais um encontro. Mas no geral é cliente. Até – só fazer um parêntese antes que eu me esqueça – nós nos tornamos um convivium slow food também, internacional. Convivium. Quer dizer, é uma coisa separada. Colônia Vila Nova, Armazém Café e o comércio. Daí tem o convívio Colônia Vila Nova. Que é um local de encontro, que é um local de trocas. E isso é difícil, porque quando a pessoa entra num lugar desse, ele quer "receber".</i></p>	<p>Cultural</p>	<p>O frequentador ou consumidor é chamado de cliente.</p>

<p><i>“Tá muito mais vinculado ao conhecimento do que... Eu acho que justo pelo tipo de proposta: da alimentação, da saúde. Poxa, a gente vê: às vezes tem... Tem uma senhorinha que a gente vê que ela tem dificuldade. Ela guarda o dinheirinho, ela vem aqui para comprar aquela coisa que ela sabe que é bom, que não sei quê, sabe? [Entendi. A pessoa não deixa de vir... Porque uma dúvida é assim: tu achas então – com essa fala aí – que o valor deste produto não interfere na não aquisição dele?] Não, não. Com certeza. Com certeza”.</i></p>	Teórica	A pessoa consome o orgânico porque tem conhecimento do produto. E isto é mais relevante em relação ao poder aquisitivo do cliente ou pelo valor do produto.
<p><i>“[E todos os teus produtos aqui são orgânicos?] Não, não. Eu tenho vários produtos. Eu tenho muitos orgânicos, bastante diversidade. Mas daí eu tenho vários produtos que são naturais, não tem conservantes, não “(...)”. Até porque assim: muitos produtores não tem o selo orgânico... [Certificação é bem difícil prá orgânico...] É muito caro... [Principalmente de agricultor. Aquela história de cinco anos sem produzir. Isso tem toda uma transição. Por isso que é difícil.] Tem. Exatamente. É.”</i></p>	Teórica	Perspectiva do produto orgânico na prateleira do estabelecimento.
<p><i>“É um sorvete que tem na frente do Brique da Redenção lá, Belona. O cara usa quase tudo... Ele tem sorvetes que é quase todo orgânico. Não tem gordura trans, é completamente diferente. Ele usa um outro tipo de fibra, tudo. Têm sorvetes que ele poderia botar o selo de orgânico. Só que ele foi ver para ganhar certificação, o que ele tinha que passar e o que ele tinha que pagar e ele se apavorou. Ele me disse: eu não tenho como vender esse sorvete com esse preço. Então assim: têm vários... [aí tu intitula de natural? Produto natural?] É... [Porque é sem conservante?] É.[E aí não chama de orgânico porque não tem o selo?] É.”</i></p>	Substantiva	Aquisição da certificação pelo produtor

<p><i>“[E o agroecológico, como que fica?] Não, o agroecológico ele tem a certificação. [se ele é orgânico automaticamente ele é agroecológico? Se ele é agroecológico necessariamente não é orgânico? No processo inverso né? Todo orgânico é agroecológico. Mas nem todo agroecológico é orgânico?]</i>Não, não. Está vinculado à produção. Só que o que pode acontecer é ele não ter a certificação. <i>[Ah, então o orgânico que dá a certificação?]</i> É. A nossa feirinha que a gente tem aos sábados, todos são orgânicos certificados”.</p>	Técnica	Certificação e feira
<p><i>“[que a pessoa pudesse ter a facilidade de adquirir o mesmo produto aqui, nas suas proximidades. Que o Colônia seria um dos meios de aquisição daquilo.]</i> Ai é dos Caminhos Rurais. Só que o que aconteceu? Agora até tem que ver, porque eu sei que saiu o tal do Sim Vegetal. Sim Vegetal é do município. É uma certificação. E tirando esse Sim Vegetal, tinha mais uma outra que é da SMIC, que daí eles podem vender dentro do estabelecimento. Porque até então só poderiam vender em feiras, entendeu? [...] Então a gente... Claro, têm produtos que é da zona sul e muitos outros que não são. Então o que eu posso eu coloco aqui. Com relação às hortaliças: eu comecei a trabalhar com o Vasco. O Vasco é ali na frente da Silvana [é o Sítio Capororoca], logo do lado”.</p>	Substantiva e Técnica	Certificação e acesso mais fácil devido à centralização dos produtos
<p><i>“Porque era zona rural. Há três anos se tornou zona urbano-rural. Então tem zonas que ainda é rural misturada à urbana. O que eles fazem? Começam a sufocar o rural até que eles: não, agora é tudo urbano. Então é sempre atrás de IPTU, aquela coisa toda”.</i></p>	Substantiva	Prefeitura
<p><i>“[O que atrai o turista para cá? Essa forma de produzir? O que faria ser roteiro?] É. Eu acho que é isso: forma de produzir, a própria vivência no campo, tão próximo duma capital. O reconhecimento. Até porque a maior parte dos turistas são locais. São de Porto Alegre”.</i></p>	Técnica e Cultural	Vivência com o local através do turismo

<p><i>“É. Aí já tá até um perfil de cliente, que eu já notei. A gente até prá chegar na mesa, tu fica assim. Porque as pessoas estão relaxadas, estão conversando, tu não quer interromper”.</i></p>	Cultural	Perfil de cliente
--	----------	-------------------

FONTE: A autora, 2016

Os trechos aqui apresentados, da mesma forma que nos trechos das falas dos entrevistados do Sítio Capororoca, contemplaram todas as esferas da racionalidade. A esfera técnica é percebida através da prática turística que propicia a vivência com o lugar. Ainda, a divulgação da existência do local é feita através de mídia espontânea, caracterizando a satisfação de quem frequenta o espaço. A esfera cultural é vista a partir da dinâmica que surge com o aumento do número de pessoas que passam a frequentar o lugar, além de outras mídias espontâneas que contribuem para a divulgação. O orgânico é uma novidade para muitos moradores do entorno. Conhecer a história do bairro e do lugar pode ser adquirida através da vivência com o espaço criado e na conversa com os proprietários. O bairro guarda marcas e símbolos históricos na paisagem, como o prédio e o terreno doado para a igreja católica. Conhecer o principais fatos históricos constrói a identidade de quem frequenta com o lugar ou o bairro. A esfera substantiva mostra que há bairros de Porto Alegre conhecedores do orgânico, ao passo que outros desconhecem. A prefeitura altera o plano diretor e cria a zona rururbana, transformando o que era rural nesta denominação. A esfera teórica define que quem consome orgânico é por opção pessoal, independente do poder aquisitivo. A presença de selo de certificação permite a comercialização do produto no armazém. A prefeitura municipal cria o seu próprio selo, cuja certificação é participativa, ou seja, é autenticada pelos proprietários do roteiro Caminhos Rurais.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar elementos da relação do sujeito com a sua propriedade sob a perspectiva ambiental. E, a partir disso, observar a vivência do visitante desde o momento do seu contato com o lugar. E, também, já que os lugares escolhidos pertencem aos Caminhos Rurais, buscou-se identificar o tipo de relação que poderia haver com este roteiro turístico e, até mesmo, a relação com o ônibus Linha Turismo, criado e mantido pela prefeitura municipal. Partindo do objetivo geral, o qual foi analisar o perfil de dois proprietários de estabelecimentos do roteiro turístico Caminhos Rurais a partir das categorias da racionalidade ambiental desenvolvidas por Leff, buscou-se identificar as categorias da racionalidade ambiental de Leff; realizar entrevista com os proprietários escolhidos para a análise com roteiro de perguntas baseadas em tais categorias; comparar as características gerais dos proprietários entre si e os locais escolhidos como recorte de análise; analisar a relação entre estes produtores e o tipo de público que frequenta as propriedades segundo a percepção dos sujeitos; observar a concepção de agroecológicos nas propriedades analisadas. Observando-se os resultados é possível afirmar que os objetivos propostos foram atingidos. Afirma ainda que a categoria da racionalidade ambiental predominante no perfil de ambos os proprietários é a cultural, tendo em vista o resgate e troca de saberes bastante destacado nas falas dos entrevistados. Ainda, foi possível constatar que ambos apresentam características de produtor, tanto de produtos quanto de promoção do próprio lugar, e, em especial, de ações concretas com ideal agroecológico, atendendo às exigências que esta ciência deixa posto.

Cada propriedade demonstra, de maneiras diferentes, que o elemento norteador é estar inserido constantemente na vivência com o lugar. E, desta imersão permanente derivam os movimentos em prol dos Caminhos Rurais e, por consequência, o visitante se sentirá acolhido e parte integrante do lugar.

Observou-se que houve um processo de territorialização do roteiro Caminhos Rurais. As esferas da categoria racionalidade ambiental embasam as formas de relação estabelecidas neste território que surgiu. A racionalidade substantiva aponta o conhecimento ou não do conceito de agroecológico; a racionalidade teórica classifica que a forma agroecológica presente no roteiro turístico é uma solução alternativa, eficaz e viável ao formato convencional; a

racionalidade técnica ou instrumental indica a atividade turística desenvolvida como um veículo integrador, estrutural e mobilizante para o envolvimento dos diferentes agentes sociais; e a racionalidade cultural configura a associação de moradores o meio organizacional e efetivo de troca de saberes entre os envolvidos.

Quanto às limitações da pesquisa, destaca-se a dificuldade em se estabelecer contato com as secretarias municipais, em especial a secretaria de turismo de Porto Alegre. As informações contidas neste trabalho são dos *sites* de pesquisa da própria prefeitura, de trabalhos acadêmicos ou a partir de contato com a coordenadora da Associação POA Rural. Observou-se que os proprietários têm a secretaria de turismo como referência por ser o poder regulador de ações na região da sua propriedade, mas, ao mesmo tempo, pouca exatidão ou falta de atualização nas informações referentes ao roteiro em si ou o que mais, por ventura, derive dele.

Quanto às contribuições deste trabalho pode-se observar que as relações com o turismo agregam valor ao município de Porto Alegre/RS; identificou-se que houve um processo de territorialização do roteiro Caminhos Rurais; cada propriedade demonstra, de maneiras diferentes, que o elemento norteador é estar inserido constantemente na vivência com o lugar. Ainda, tanto o visitante quanto o consumidor/cliente reconhecem o rural e o alimento agroecológico e estabelecem uma relação de confiança com o produtor. A forma de apropriação do recurso natural e do espaço propicia a sustentabilidade e o tipo de relação com o visitante ou cliente é ética e, portanto, se propaga a construção de ações no mesmo formato.



## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Mauro César. **Geolocalização das entidades associadas**. Disponível em:

<[https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1gIS14w2\\_LccZ3QT\\_3wUvJ8vFPaY&ll=-30.163564082236146%2C-51.149694168561496&z=11](https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1gIS14w2_LccZ3QT_3wUvJ8vFPaY&ll=-30.163564082236146%2C-51.149694168561496&z=11)>. Acesso em: dez, 2016.

BLUM, Rubens. Agricultura familiar: um estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3.ed. Passo Fundo: UPF, 2001, p. 62.

BOEIRA, Sérgio L. Saber Ambiental. In: **Ambiente e Sociedade**. Ano V - nº 10 - 1º semestre de 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade/Ministério do Turismo**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BROSE, Markus. **Agricultura Familiar, desenvolvimento local e políticas públicas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

CAMINHOS RURAIS. **Associação Porto Alegre Rural – POA RURAL**. Disponível em: <<http://caminhosrurais.com.br/site/associacao/>>. Acesso em: jan. 2014.

CAPORAL, Francisco R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: 2009. 30 p.

CAPORAL, Francisco R.; AZEVEDO, Edisio O. (Orgs.). **Princípios e perspectivas da Agroecologia**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná. Educação a Distância. Paraná: 2011. 192p.

Carta da Terra. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/carta\\_terra.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf)>. Acesso em: nov. 2016.

FLORIANI, Dimas. **Saber Ambiental para a sustentabilidade**. Conhecimento, meio ambiente e globalização. Curitiba: Juruá, 2004.

FOLADORI, Guillermo. Na busca de uma racionalidade ambiental. In: **Ambiente e Sociedade**. Ano III - nº 6/7 - 1º semestre de 2000/2º semestre de 2000.

KOZENIESKI, Éverton de Moraes. **O Rural agrícola na metrópole: o caso de Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande

do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2010.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Petrópolis: Vozes, 2006

\_\_\_\_\_. **Ecologia, Capital e Cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Aline. PRONATEC – Monitor Ambiental Turismo e Sustentabilidade. Viamão, 2011.

Porto Alegre. Secretaria Municipal de Urbanismo. Supervisão de Desenvolvimento Urbano. **Urbano, rural, rururbano**: considerações da Supervisão do Desenvolvimento Urbano... / Supervisão de Desenvolvimento Urbano. – Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2014. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/urbano\\_rural\\_rururbano\\_2002.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/urbano_rural_rururbano_2002.pdf)>. Acesso em: set. 2016.

PORTAL BRASIL. **Agricultura Familiar**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/centrais-de-conteudo/imagens/mds/agricultura-familiar>>. Acesso em: set. 2014.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Caminhos Rurais de Porto Alegre**. 2016a. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p\\_secao=270](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=270)>. Acesso em: set. 2016.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **As Caras da Cidade - 8 - Cidade Rururbana**. 2016b. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=9&p\\_secao=193](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=9&p_secao=193)> . Acesso em: set. 2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 11.771, DE 17 DE SETEMBRO DE 2008**. 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm)>. Acesso em: jul. 2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000**. 2000. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=322>>. Acesso em: jul. 2016.

RIBEIRO, Ana P. **Agricultura familiar em área de proteção ambiental**: o caso do Assentamento Filhos de Sepé – Viamão/RS. Dissertação de Mestrado -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA J. M.; MENDES E. P. P. Abordagem qualitativa em geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G. J. [et. al.]. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas/organização**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2013. p. 207-221.

WEBBER, Mauri; MORAES, Luiz. **Melhor Prática vencedora: Atrativos Turísticos (Capital). Caminhos Rurais de Porto Alegre: uma rota surpreendente na Zona Sul da capital gaúcha**. Para quem não conhece ou acha que já viu tudo, Porto Alegre tem muito mais. Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre e Associação Porto Alegre Rural. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/acontece/download\\_acontece/Porto\\_Alegre\\_-\\_Atrativos\\_Turxsticos\\_RELATOS\\_MELHORES\\_PRxTICAS.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/noticias/acontece/download_acontece/Porto_Alegre_-_Atrativos_Turxsticos_RELATOS_MELHORES_PRxTICAS.pdf)>. Acesso em: dez. 2014.

WWOOF. **Federation WWOOF of organizations**. Disponível em: <<http://wwooof.net>>. Acesso em: dez. 2016.

## APÊNDICE 1 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado “Produção e consumo no território “Caminhos Rurais”, Porto Alegre – RS: uma análise do frequentador sob responsabilidade de Ana Paula Ribeiro vinculada ao Setor de Ciências Agrárias, no Departamento de Economia Rural e Extensão, no Curso de Especialização de Economia e Meio e Ambiente da Universidade Federal do Paraná.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para fins acadêmicos desenvolvidos a partir desta monografia de conclusão de curso.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam elas televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**ANEXO 1 - LEI COMPLEMENTAR 434/99, ATUALIZADA E COMPILADA ATÉ A L.C. 667/11, INCLUINDO A L.C. 646/10**

Art. 28 - As Áreas de Ocupação Intensiva e Rarefeita dividem-se em Unidades de Estruturação Urbana, Macrozonas e Regiões de Gestão do Planejamento.

II – Macrozonas são conjuntos de Unidades de Estruturação Urbana com características peculiares quanto a aspectos socio-econômicos, paisagísticos e ambientais;

Art. 29. As Macrozonas dividem o território municipal em:

VIII –Macrozona 8 – Cidade Rururbana: área caracterizada pela predominância de patrimônio natural, propiciando atividades de lazer e turismo, uso residencial e setor primário, compreendendo os núcleos intensivos de Belém Velho, Belém Novo, Lami, Lageado, Boa Vista, Extrema e Jardim Floresta, bem como as demais áreas a partir da linha dos morros da Companhia, da Polícia, Teresópolis, Tapera, das Abertas e Ponta Grossa; e (Alterado pela L.C. nº 646, de 22 de julho de 2010)